



Universidade do Minho
Instituto de Educação

Ivone do Céu da Silva Gonçalves

**Colaboração da família na Intervenção
Precoce: Perspetivas de pais e de profissionais**



Universidade do Minho
Instituto de Educação

Ivone do Céu da Silva Gonçalves

**Colaboração da família na Intervenção
Precoce: Perspetivas de pais e de profissionais**

Dissertação de Mestrado
Mestrado em Educação Especial
Área de especialização em Intervenção Precoce

Trabalho efetuado sob a orientação da
Doutora Ana Paula da Silva Pereira

julho de 2019

DIREITOS DE AUTOR E CONDIÇÕES DE UTILIZAÇÃO DO TRABALHO POR TERCEIROS

Este é um trabalho académico que pode ser utilizado por terceiros desde que respeitadas as regras e boas práticas internacionalmente aceites, no que concerne aos direitos de autor e direitos conexos.

Assim, o presente trabalho pode ser utilizado nos termos previstos na licença abaixo indicada.

Caso o utilizador necessite de permissão para poder fazer um uso do trabalho em condições não previstas no licenciamento indicado, deverá contactar o autor, através do RepositóriUM da Universidade do Minho.

Licença concedida aos utilizadores deste trabalho



**Atribuição
CC BY**

<https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/>

Agradecimentos

Iniciar com um agradecimento muito especial à Professora Ana Paula da Silva Pereira, minha orientadora, pois sem o seu apoio, colaboração, carinho e incentivo não teria sido possível concluir este trabalho. Não posso deixar de agradecer toda a sua disponibilidade, apoio e rigor. Obrigada pela partilha e motivação que me transmitiu ao longo de todo este estudo de investigação.

Agradeço, ainda a todos os docentes do Mestrado em Educação Especial, área de especialização em Intervenção Precoce (IP), da Universidade do Minho, por todos os ensinamentos transmitidos e por fomentarem a vontade de estudar e aprofundar os nossos conhecimentos nesta área.

A todos os profissionais e famílias que gentilmente aceitaram participar neste estudo, por toda a sua disponibilidade. Agradeço por terem partilhado as suas ideias, opiniões, todos os seus contributos e palavras de incentivo para que concluísse este estudo.

Aos meus pais António e Clarinda, por todo o apoio e compreensão ao longo de toda esta caminhada e por tudo aquilo que têm feito por mim ao longo do tempo, a eles devo tudo aquilo que sou. Muito obrigada por tudo! A minha irmã Sofia, que não estando fisicamente presente, sempre foi, é e será uma fonte de inspiração e apoio em todas as fases da minha vida, a ela dedico este trabalho.

A toda a minha família, obrigada pelo vosso apoio e incentivo para que nunca desista dos meus objetivos.

A todos os meus amigos e colegas de trabalho, que são o meu pilar e que me apoiam e incentivam ao longo de todas as fases da minha vida. Um agradecimento especial, aos meus amigos que me ajudaram na concretização deste trabalho e que me acompanham em todos os momentos da minha vida, obrigada por não me deixarem desistir e por toda a compreensão e apoio para comigo, sem cada um de vós não conseguiria concluir este trabalho.

Obrigada, a todas as crianças e famílias que acompanho profissionalmente e que me incentivam a continuar a aprofundar e melhorar a minha prática profissional.

DECLARAÇÃO DE INTEGRIDADE

Declaro ter atuado com integridade na elaboração do presente trabalho académico e confirmo que não recorri à prática de plágio nem a qualquer forma de utilização indevida ou falsificação de informações ou resultados em nenhuma das etapas conducente à sua elaboração.

Mais declaro que conheço e que respeitei o Código de Conduta Ética da Universidade do Minho.

Colaboração da família na Intervenção Precoce: Perspetivas de pais e de profissionais

Resumo: Este estudo tem como finalidade aprofundar os fatores que contribuem ou dificultam a colaboração da família no processo de apoio da Intervenção Precoce (IP), bem como a motivação para o apoio. Realizou-se um estudo de investigação qualitativa, através de entrevistas junto de profissionais a exercer a sua atividade profissional numa Equipa Local de Intervenção (ELI) do Distrito de Braga, com, pelo menos, três anos de exercício de funções na equipa e especialização em IP, e a famílias apoiadas pela ELI há, pelo menos, um ano.

No geral verifica-se que todos estão satisfeitos com o trabalho desenvolvido. Os profissionais referem como fatores positivos as reuniões, os contactos com a família, o apoio domiciliário e a evolução demonstrada pela criança, em contraste com as dificuldades dos horários laborais e o número de casos afetos a cada profissional. Por sua vez, a família menciona como fatores positivos o apoio, as estratégias e o desenvolvimento de competências da criança e, como dificuldades, os horários laborais, a falta de informação e formação para as famílias.

São mais os fatores coincidentes entre os profissionais e as famílias do que divergentes. Os participantes são unânimes em valorizar o respeito, a disponibilidade e flexibilidade de horários dos intervenientes e a necessidade de aumentar o número de profissionais que estão afetos às ELI's. Todos os participantes reconhecem a importância da colaboração entre todos os intervenientes no processo de intervenção, salientando a forma como esta colaboração favorece e promove o desenvolvimento das crianças, bem como facilita a resposta às preocupações das famílias. No entanto, existem também alguns dados divergentes entre profissionais e famílias.

Os profissionais destacam a importância de conseguirem fazer com que as famílias compreendam que são o pilar fundamental no desenvolvimento dos seus filhos e, por esse motivo, necessitam de ser parceiros ativos no processo de apoio. As famílias reconhecem a importância de todo o apoio que recebem por parte dos profissionais e das evoluções que os filhos demonstram. Por outro lado, referem que o afeto que os filhos demonstram para com os profissionais que os acompanham deve ser fonte de motivação e conforto para que os profissionais continuem a desenvolver práticas de qualidade no apoio às famílias em IP.

Palavras chave: Colaboração, Famílias, Intervenção Precoce, Profissionais.

Family collaboration in Early Intervention: parents and professionals' perspectives

Abstract: This study aims to deepen the factors that contribute to or hinder the collaboration of the family in the process of support of Early Intervention (EI), as well as the motivation for support. It was held a qualitative research study, through interviews with professionals practicing their professional activity in a Local Intervention Team (ELI) of the district of Braga, with at least three years of teamwork and specialization in IP, and to households supported by ELI for at least a year.

Overall, it is verified that all are satisfied with the work developed. These professionals refer as positive factors the meetings, the contacts with the family, home support and the evolution shown by the child, in opposite to the difficulties of working hours and the number of cases affected by each professional. In turn, the family refer as positive factors the support, the strategies, and the development of child's skills. Working hours, the lack of information and training for families are mentioned as difficulties.

There are more coincidental factors among professionals and families than divergent. Participants are unanimous in valuing the respect, the availability and flexibility of the participants' schedules and the need to increase the number of professionals who are affected by ELI's. All participants recognize the importance of collaboration among all stakeholders in the intervention process, highlighting how this collaboration fosters and promotes children's development, as well as facilitates response to family concerns. However, there is also some divergent data between professionals and families.

Professionals emphasize the importance of being able to make families understand that they are the fundamental pillar in the development of their children and, for this reason, need to be active partners in the support process. Families recognise the importance of all the support they receive from Professionals and the evolutions that their children demonstrate. On the other hand, they point out that the affection that the children show towards the accompanying professionals should be a source of motivation and comfort, so that the professionals continue to develop quality practices in supporting families in EI.

Keywords: Collaboration, Families, Early Intervention, Professionals

Índice

Agradecimentos	iii
Resumo	v
Abstract	vi
Introdução	9
Capítulo I – Intervenção Precoce em Portugal	12
Capítulo II – Práticas Recomendadas na Intervenção Precoce	15
2.1 – Práticas Centradas na Família	16
2.2 – Intervenção em Contextos Naturais	20
2.3 – Trabalho em equipa – Transdisciplinidade	21
Capítulo III – Metodologia de Investigação	24
3.1 – Finalidade e objectivos da investigação	24
3.2 – Desenho do estudo	25
3.3 - Instrumentos de recolha de dados	26
3.4 – Análise de dados	27
Capítulo IV – Apresentação e Análise dos dados	29
Capítulo V – Discussão dos Dados	67
Conclusões	79
Referências Bibliográficas	82
Anexos	88
Anexo A - Guião da Entrevista – Profissionais	89
Anexo B - Guião da Entrevista – Famílias	92

Índice de Figuras

Figura 1. Definição das categorias de análise	28
---	----

Índice de Quadros

Quadro 1. Caracterização dos profissionais	26
Quadro 2. Caracterização das famílias	26
Quadro 3. Resumo dos dados recolhidos da participante Anita	32
Quadro 4. Resumo dos dados recolhidos da participante Patrícia	35
Quadro 5. Resumo dos dados recolhidos da participante Leonor	38
Quadro 6. Resumo dos dados recolhidos da participante Sónia	40
Quadro 7. Resumo dos dados recolhidos da participante Elisa	43
Quadro 8. Resumo dos dados recolhidos do participante Armando	46
Quadro 9. Resumo dos dados recolhidos da família da Sofia	50
Quadro 10. Resumo dos dados recolhidos da família do Gustavo	53
Quadro 11. Resumo dos dados recolhidos da família do Guilherme	55
Quadro 12. Resumo dos dados recolhidos da família do Marco	58
Quadro 13. Resumo dos dados recolhidos da família do Mário	60
Quadro 14. Resumo dos dados recolhidos da família da Lara	63
Quadro 15. Resumo dos dados recolhidos da família do Fernando	65
Quadro 16. Síntese das perspetivas dos profissionais e das famílias	66

Introdução

Aquando do início da minha formação de base em Terapia da Fala, despertou em mim o interesse nas temáticas relacionadas com a intervenção focada nas crianças e as suas famílias e de que forma esta abordagem influencia o desenvolvimento da intervenção e por conseguinte o próprio desenvolvimento da criança.

O deixar de centrar a intervenção apenas na criança e apostar numa Abordagem Centrada na Família, trabalhar cumprindo os pressupostos de uma equipa transdisciplinar sobretudo quando falamos em equipas que desenvolvem os seus serviços de apoio à criança com Necessidades Especiais (NE) e à sua família, sendo que ao longo do meu percurso profissional foi possível observar a importância deste tipo de intervenção.

No Mestrado em Educação Especial, área de especialização em Intervenção Precoce (IP), o modelo das Práticas Centradas na Família é uma das temáticas abordadas ao longo da formação. Desde logo, este tema criou um maior interesse pela investigação de temáticas relacionadas com esta abordagem de intervenção e tudo o que com ela se relaciona.

Assim, para o término do 2º ano do Mestrado, é necessário realizar uma Dissertação de Mestrado, nesse sentido e desde logo, o meu interesse pessoal e profissional levou a que quisesse desenvolver e aprofundar os meus conhecimentos em torno destas temáticas, assim surgiu este estudo.

Com a realização deste trabalho pretende-se analisar e compreender a importância da colaboração na melhoria dos níveis da participação da família na IP, bem como os fatores que influenciam esse tipo de participação.

Assim, pretende-se que o estudo se foque em quatro objetivos:

- . Compreender a importância da colaboração entre pais e profissionais.
- . Compreender como é promovida a participação dos pais no processo de apoio na IP.
- . Analisar e compreender quais os fatores que influenciam positivamente e dificultam a participação da família na IP.
- . Identificar as recomendações de melhoria dos níveis de participação das famílias na IP.

É por isso importante atender a várias questões que englobam a IP, os profissionais, as famílias e o modo como tudo se relaciona.

São várias as definições de IP a que temos acesso, no entanto, considera-se que a IP se destina a famílias de crianças dos 0 aos 6 anos que apresentem atraso de desenvolvimento com causas identificadas ou não, que se encontrem em contextos que coloquem em risco o seu desenvolvimento (Ferreira & Vasconcelos, 2015).

Quando pensamos em IP, associamos a uma Abordagem Centrada na Família, em que todo o processo de intervenção tem como foco não só a criança como também a sua família, mas nem sempre este processo decorreu desta forma. Nomeadamente porque nas primeiras Abordagens de IP, os pais não eram considerados elementos importantes e participantes ativos para a intervenção, sendo a intervenção focada apenas na criança. No entanto, ao longo dos tempos este tipo de práticas foi-se desvanecendo, dando agora enfoque a uma Intervenção Centrada na Família (Pimentel, 2003).

McWilliam (2003), refere que ao entendermos a família como um dos pilares de promoção do desenvolvimento considera-se a família como base da intervenção, ou seja, vê-se para além da criança. Este tipo de abordagem considera que o bem-estar de cada elemento da família interfere diretamente em cada membro da mesma.

Este estudo vai permitir perceber quais os sentimentos e opiniões vivenciadas pelas famílias e pelos profissionais que diariamente desenvolvem um trabalho em torno da IP, tendo como foco o desenvolvimento da criança, nunca descurando as necessidades, preocupações, dúvidas e expectativas das famílias.

Pretende-se com o desenvolvimento deste estudo auscultar as opiniões dos profissionais e das famílias que usufruem do apoio da IP sobre a colaboração entre ambos para o desenvolvimento deste apoio.

O acompanhamento desenvolvido deve sempre ser guiado pelas ideias e opiniões da família, sendo por isso fundamental, que as famílias sejam parte integrante de todo o processo, ou seja, a IP dirige-se, portanto, à família, onde se encontra inserida a criança e não exclusivamente à criança. Sendo que esta prática se baseia numa rede integrada de serviços, apoios e recursos, que dão resposta às preocupações de todos os elementos da família (Almeida, 2004). Assim, ao promover a participação da família no processo de intervenção, estes tornam-se um forte pilar no desenvolvimento dos seus filhos (Deloatche et al, 2015).

Neste trabalho abordamos a Intervenção Precoce em Portugal, as Práticas Recomendadas na IP, passando pelas Práticas Centradas na Família, o desenvolvimento da intervenção em contextos naturais e o trabalho em equipa. O capítulo da Metodologia onde descrevemos a finalidade e objetivos da investigação, o desenho do estudo e como proceder a análise dos dados. De seguida são apresentados e analisados os dados recolhidos e consequente discussão dos dados, terminando com as conclusões referentes ao estudo.

Capítulo I – Intervenção Precoce em Portugal

Segundo Serrano (2007) algumas das primeiras experiências portuguesas na área da Intervenção Precoce (IP) datam da década de 70 do século XX, altura em que o Centro de Paralisia Cerebral, em Lisboa, criou um programa de IP para crianças com Paralisia Cerebral.

A IP destina-se a famílias de crianças dos 0 aos 6 anos que apresentem Atraso de Desenvolvimento com causas identificadas ou não, que se encontrem em contextos que coloquem em risco o seu desenvolvimento (Ferreira & Vasconcelos, 2015).

A definição de IP, que é aceite internacionalmente, considera que a IP é um conjunto de serviços e apoios que são prestados a crianças em risco ou com Necessidades Educativas Especiais (NEE), na faixa etária dos 0 aos 6 anos, e também às suas famílias. Assim, podemos dizer que a IP é uma prática que se destina a promover e potenciar condições de desenvolvimento, que possam garantir a inclusão social quer das crianças quer das suas famílias, sendo que é um projeto internacional que pretende a defesa de oportunidades desenvolvimentais na infância iguais para todas as crianças (Machado, 2012).

Nas primeiras abordagens de IP, os pais não eram considerados elementos importantes para a intervenção, sendo a intervenção focada apenas na criança. No entanto, ao longo dos tempos este tipo de práticas foi-se desvanecendo, dando agora enfoque a uma Intervenção Centrada na Família (Pimentel, 2003).

Em 2009, em Portugal, foi publicado um Decreto-Lei que cria o Sistema Nacional de Intervenção Precoce na Infância (SNIPI). Neste decreto, a IP é definida como um conjunto organizado de entidades institucionais e de natureza familiar, para garantir as melhores condições de desenvolvimento das crianças dos 0 aos 6 anos de idade, com funções ou estruturas do corpo que limitam o crescimento pessoal e social, que limitem a sua participação nas atividades típicas da sua idade, assim como das crianças com risco grave de atraso de desenvolvimento (Decreto-lei n° 281/2009, de 6 de outubro, 2009).

O funcionamento do SNIPI está organizado de forma a articular diversas estruturas, como os Ministérios do Trabalho e da Solidariedade Social, o da Saúde e o da Educação, sempre em colaboração com as famílias, sendo que todos são coordenados pela Comissão de Coordenação do SNIPI. Cada um dos Ministérios tem definidas um conjunto de competências que lhes são exigidas (Decreto-lei n° 281/2009 de 6 de outubro, 2009; Machado, 2012).

A criação do SNIPI tem como base cinco objetivos centrais, que são, promover a proteção dos direitos e o desenvolvimento das capacidades a todas as crianças; identificar e sinalizar todas as crianças em situação de risco de alterações nas funções e estruturas do corpo ou de risco grave de atraso de desenvolvimento; intervir, de forma a prevenir ou reduzir os riscos de atraso de recursos ao nível da segurança social, saúde e educação; envolver a comunidade para funcionar como uma rede de suporte social (Decreto-lei nº 281/2009 de 6 de outubro, 2009).

A realização de uma intervenção o mais precocemente possível, consistente, e bem planeada, pode refletir-se positivamente e assim, consequentemente melhorar o futuro das crianças e suas famílias consideradas em risco de desenvolvimento social, cognitivo e/ou emocional (Portugal & Santos, 2003).

Atendendo a importância fulcral dos primeiros anos de vida ao nível do desenvolvimento da criança, levou a que os saberes ao nível da educação, da saúde e da proteção social, fossem ao longo do tempo apostando na pesquisa e estudo de forma a potenciar uma evolução constante, para assim, melhorar constantemente o apoio prestado. Pois, a IP centra-se numa preocupação intencional de intervir no que diz respeito ao desenvolvimento de crianças que apresentam risco de ver o seu desenvolvimento global afetado, pensando assim no presente e futuro da criança, bem como da sua família (Franco, 2007).

A IP organiza-se respeitando uma série de passos ao longo do seu processo que passa pela fase de deteção, a fase de identificação ou sinalização, a fase de avaliação, diagnóstico e planeamento da intervenção e por fim a intervenção (Franco, 2007).

Gallagher, LaMontagne e Johnson (2000), consideram fundamentais noções como cooperação e colaboração, nos momentos de planificação e durante a própria intervenção junto das crianças e das suas famílias.

Atendendo à necessidade de dar resposta e englobar o maior número de crianças, foram constituídas as Equipas Locais de Intervenção Precoce (ELI), estas são equipas interdisciplinares que envolvem diversos profissionais como psicólogos, docentes, assistentes sociais, terapeutas, enfermeiros, médicos entre outros (Caldeira, Seixas & Piscalho, 2017).

A criação do Decreto-Lei 281/2009 trouxe muitas vantagens para o trabalho efetuado ao nível da IP, no entanto é necessário ter em consideração a forma como se promove e desenvolve este trabalho, nomeadamente o que se deve ter em consideração relativamente às práticas recomendadas para a IP.

Gallagher, LaMontagne e Johnson (2000), acreditam que noções como interdependência e colaboração entre as famílias e os profissionais, são bases fundamentais para o desenvolvimento da IP, só existindo cooperação e colaboração entre todos os envolvidos no processo de apoio é possível atingir os objetivos propostos, atingindo assim todo o potencial possível.

Capítulo II – Práticas Recomendadas na Intervenção Precoce

As práticas recomendadas surgiram pela necessidade de elaborar algumas orientações quer para a família quer para os profissionais no sentido de tornar os serviços de IP cada vez mais eficazes melhorando assim as aprendizagens e competências das crianças (DEC, 2014).

Segundo este documento, estes acreditam que a família tem o conhecimento e competências necessárias para implementar estas práticas e assim as famílias e as suas crianças podem mais facilmente alcançar resultados positivos. As práticas recomendadas regem-se pelas premissas da liderança, da avaliação, do ambiente, da família, da instrução e interação, da parceria e colaboração e ainda da transição (DEC, 2014).

A liderança, prende-se com a criação de condições em que todos os intervenientes se sintam integrados, em que sejam desenvolvidas e implementadas regras que promovam a tomada de decisões partilhadas por todos. A avaliação prende-se com a recolha de toda a informação necessária a implementação da intervenção e conseqüente tomada de decisão sobre o decorrer da mesma. O ambiente refere-se ao contexto ou contextos que possam participar na intervenção e assim promover a aprendizagem em diversos contextos de vida da criança e família. As práticas familiares centram-se nas atividades desenvolvidas pelos membros da família que promovam a tomada de decisão relacionadas com o seu filho. Não descurando os conceitos de capacitação e colaboração da família. Por instrução entende-se um conjunto de práticas usadas por todos de forma a maximizar a aprendizagem e o desenvolvimento da criança. A interação promove as competências de comunicação, o desenvolvimento cognitivo e a autonomia da criança (DEC, 2014).

As parcerias e a colaboração são aquelas que promovem e sustentam estas parcerias, fomentando os relacionamentos e interações entre os pares para que atinjam os resultados desejados pela família e criança (DEC, 2014).

Por transição, entende-se a colaboração entre os pares e família que promovam mudanças positivas, estando assim, associadas a uma maior satisfação e obtenção de resultados (DEC, 2014).

Assim, aquando da mudança da legislação da IP, um dos grandes desafios centrou-se em considerar a importância da articulação e da participação ativa dos pais em todo o processo de intervenção com os seus filhos. Assim, a família passou a ser considerada parceira na planificação e execução da intervenção, sendo que ao longo da intervenção a atenção no que respeita à IP centra-se

não só no desenvolvimento da criança, mas também em tudo aquilo que é manifestado como preocupação pelos pais/família (Serrano, 2007).

2.1 Práticas Centradas na família

A sociedade considera que a família constitui o nosso principal alicerce, ou seja, é um dos principais contextos de desenvolvimento da criança, contudo muito se tem debatido em torno do atual papel da família e da forma como esta é composta, no entanto, a família permanece como o elemento-chave da vida e do desenvolvimento da criança (Caldeira, Seixas & Piscalho, 2017).

Ao entendermos a família como um dos pilares de promoção do desenvolvimento considera-se a família como base da intervenção, ou seja, vê-se para além da criança. Este tipo de abordagem considera que o bem-estar de cada elemento da família interfere diretamente em cada membro da mesma (McWilliam, 2003).

Quando pensamos numa Abordagem Centrada na Família falamos numa intervenção que visa dotar a família de competências capazes de responder às necessidades da criança, bem como, das expectativas definidas pela família (Samadi & Mahmoodizadeh, 2013).

Segundo Espe-Sherwindt (2008), a Abordagem Centrada na Família baseia-se em três premissas, a ênfase dos pontos fortes, as escolhas da família e controle sobre os recursos desejados, e o desenvolvimento da relação de colaboração entre a família e os profissionais.

A Abordagem Centrada na Família tem na família o contexto principal como foco de promoção para o desenvolvimento da criança, tendo sempre em atenção as escolhas da família e as suas decisões, nas competências espelhadas pela criança e família, e nas parcerias família/profissional (Caldeira, Seixas & Piscalho, 2017).

É importante referir que a intervenção Centrada na Família tem como pilar fundamental a criação de uma parceria com a família, tendo sempre em atenção o respeito dos valores e escolhas da mesma, oferecendo sempre toda a informação para assim permitir que as famílias tenham acesso a toda a informação necessária para definir as suas escolhas (Espe-Sherwindt, 2008).

A IP dirige-se, portanto, à família, onde se encontra inserida a criança e não exclusivamente à criança. Sendo que esta prática se baseia numa rede integrada de serviços, apoios e recursos, que dão resposta às preocupações de todos os elementos da família (Almeida, 2004).

Ao promover a participação da família no processo de intervenção, estes tornam-se um forte pilar no desenvolvimento dos seus filhos (Deloatche et al, 2015).

A Abordagem Centrada na Família apresenta como foco principal o envolvimento da família a todos os níveis, desde o desenvolvimento da intervenção, a implementação e avaliação da mesma. Assim, devemos solicitar à família que seja um parceiro ativo e que ajude a determinar em que medida estamos a utilizar a Abordagem Centrada na Família (Espe-Sherwindt, 2008).

Considera-se assim importante que os apoios de IP apresentem como base uma Abordagem Centrada na Família, pois esta constitui um elemento de intervenção, onde as competências da família devem ser reconhecidas e enaltecidas, bem como, identificar quais as suas necessidades, de forma a solucioná-las para potenciar o bem-estar da família, respeitando as opiniões e prioridades de cada um dos seus elementos (McWilliam, 2003; Oliveira, 2015).

A Abordagem Centrada na Família, necessita ter em atenção, a família, a criança, mas também as interações que estes indivíduos mantêm com o meio em que se encontram inseridos. Assim, é necessário que a Abordagem Centrada na Família apresente, como princípio base, que a família seja encarada como uma unidade de intervenção (Augusto, Aguiar & Carvalho, 2013).

Os profissionais que desenvolvem a sua intervenção tendo em conta a Abordagem Centrada na Família devem não só promover uma relação de confiança com as famílias, mas devem também utilizar práticas específicas para conseguir um equilíbrio de poder, para que assim as famílias possam ser os decisores finais, tornando-se deste modo agentes de mudança (Espe-Sherwindt, 2008).

Segundo Serrano (2007), é crucial que os profissionais que desenvolvem o apoio junto da criança e da sua família conheçam nitidamente cada elemento da família e a interação existente entre todos, sendo ainda que o profissional nunca deve descurar nem esquecer que é um elemento que pode influenciar toda a família, interferindo assim na relação estabelecida entre os profissionais, crianças e suas famílias.

O querer envolver a família na intervenção tem como principal objetivo desenvolver a capacidade destes para que consigam continuar a proporcionar aos seus filhos momentos em que lhes possam dar experiências e oportunidades fomentando assim diversas aprendizagens (Dunst, Bruder & Espe-Sherwindt, 2014).

Uma das vantagens da Abordagem Centrada na Família, é que o objetivo pode ser alcançado através de vários tipos de intervenção. Ao contrário das tradicionais abordagens centradas na criança, o

êxito não depende exclusivamente do desenvolvimento da criança. Além disso, a diferença de valores, crenças e modos de vida que as famílias apresentam, podem influenciar a conquista dos objetivos, podendo variar de família para família (McWilliam, 2003).

A Abordagem Centrada na Família baseia-se em cinco premissas fundamentais: reconhecimento de que as famílias são o contexto principal da promoção da saúde e do bem-estar da criança; respeito pelas escolhas da família e pelos seus processos de tomada de decisões; valorização das competências da criança e da família, e dos recursos necessários para serem criados padrões de vida normalizados; parcerias família / profissional, aquando da adequação dos recursos às escolhas desejadas e o respeito mútuo entre as famílias e os profissionais (Dunst, 1997 in Pereira & Serrano, 2009).

Alguns estudos referem que as dificuldades em implementar a Abordagem Centrada na Família se deve ao facto de as famílias centrarem os serviços para as necessidades dos filhos, achando que a satisfação das suas necessidades e expectativas não irá influenciar o desenvolvimento da criança. No entanto, nas Abordagens Centradas na Família, os profissionais devem constituir um recurso de apoio à família de forma a que esta possa concretizar os seus próprios objetivos. Assim, a intervenção deve ir de encontro das preocupações da família, sendo que é esta que define os objetivos que pretende atingir (Augusto, Aguiar & Carvalho, 2013).

Caldeira, Seixas e Piscalho (2017), referem alguns dos fatores que podem influenciar o envolvimento parental na intervenção, sendo eles, a importância que a família vê no seu envolvimento, a responsabilidade e a forma como assumem a intervenção, a reestruturação do casal e de toda a dinâmica familiar em torno desta necessidade, a resiliência, a coesão entre os membros da família, o estado emocional de cada um, a situação económica, a verificação de evoluções no desenvolvimento da criança e o relacionamento da família com o profissional.

Outro fator importante, centra-se na colaboração que é estabelecida entre a família e os profissionais que a acompanham, criando um laço de parceria, dando ênfase às suas potencialidades e à sua independência e autonomia (Rafael & Piscalho, 2016).

Quando falamos em Abordagem Centrada na Família não podemos esquecer os conceitos associados a esta abordagem, mais especificamente os conceitos de corresponsabilizar e de capacitar, que representam um pilar da intervenção junto das famílias (Serrano, 2007).

Segundo Dunst (2000), a corresponsabilidade das famílias é um marco importante, sendo para isso fundamental fornecer às famílias tudo o que for necessário para que estas se tornem cada vez mais

competentes, pois as famílias detêm um papel fundamental na tomada de decisão sobre tudo o que engloba o processo de apoio em IP.

O conceito de capacitação consiste na criação de oportunidades e experiências familiares, para que a família possa promover o desenvolvimento das suas competências parentais e assim aumentar a sua autoeficácia. Sendo que por autoeficácia se entende que é a confiança e competência de que os comportamentos adotados pela família se traduzem na obtenção dos objetivos traçados. Assim, a capacitação e a autoeficácia apresentam sempre como objetivo a promoção e o desenvolvimento da criança (Dunst, Bruder & Espe-Sherwindt, 2014; Woods & Brown, 2011).

Muitos autores são unânimes em relatar os benefícios da Abordagem Centrada na Família, pois os seus benefícios são visíveis, e é evidente que a intervenção focalizada na família está diretamente relacionada com a melhoria do funcionamento de alguns domínios da vida da família. Sendo para isso importante que os diversos profissionais assumam novas competências que beneficiem a intervenção (Pereira & Serrano, 2010).

O estudo de Dunst, Bruder, e Espe-Sherwindt (2014), refere que quanto maior for o envolvimento parental na intervenção e o conseqüente aumento da capacitação da família, melhores e mais positivos serão os resultados alcançados pela família e criança.

Deste modo, a família deve ser considerada um agente ativo da intervenção, uma vez que se pretende que a família participe ativamente, criando um elo de parceria com os profissionais na intervenção, assim, é necessário dotar a familiar de toda a informação pertinente para as tomadas de decisão (Almeida, 2004).

Tendo em conta estes princípios, considera-se fundamental que o profissional seja um bom ouvinte, crie e expresse empatia, que se mostre disponível, que deixe que seja a família a tomar as decisões e que conduza desta forma todo o apoio da IP (Gonçalves & Simões, 2010).

É importante que as práticas Centradas na Família sejam práticas individualizadas, flexíveis e que respondam às preocupações, prioridades e expectativas da família e que visem o seu envolvimento ativo com vista à obtenção dos recursos que desejam e que são fundamentais para alcançar os objetivos traçados pela família (Almeida, 2011).

Pereira e Serrano (2010), consideram importante que os profissionais apostem de forma contínua no seu desenvolvimento pessoal e profissional, de forma a clarificar, traçar e refletir nas práticas de apoio às famílias, ou seja, o modo como as escutam, respeitam e definem e de como os serviços e

os apoios são apresentados e se ajustam às necessidades de cada um. Não esquecendo a importância da forma como interagem entre si.

Assim, considera-se fundamental que os profissionais que integram as equipas de IP necessitem de adequar as suas práticas e conhecimentos, de forma a aumentar os seus conhecimentos e competências, para assim, responder o melhor possível às necessidades e expectativas das crianças e famílias com quem intervêm (Pereira & Serrano, 2009).

2.2 Intervenção em Contextos Naturais

Spagnola e Fiese (2007), referem que o apoio baseado nas atividades de rotina diária enriquece o desenvolvimento global da criança, nomeadamente o desenvolvimento sócio emocional, a linguagem, a interação social e as competências académicas.

A realização da intervenção em contextos naturais tem como principal crença, que o apoio nos contextos naturais facilita o acesso da criança a novas oportunidades de aprendizagem na sua rotina diária, bem como na interação com os diferentes pares dos contextos em que se encontram inseridos (Kellar-Guenther, Rosenberg, Block & Robinson, 2014).

Segundo Spagnola e Fiese (2007), a intervenção em contexto natural estrutura um comportamento facilmente previsível pela criança o que favorece o seu desenvolvimento. Sendo, também importante referir que as crianças nos primeiros anos de vida, se vão tornando participantes ativos na execução das rotinas diárias, mostrando agrado neste envolvimento. Esta participação baseia-se também no seu desenvolvimento emocional.

Quando falamos em intervenção baseada nas rotinas é necessário ter em atenção que este tipo de apoio é uma base essencial da Abordagem Centrada na família e na comunidade. Sendo necessário a identificação das rotinas, atividade e acontecimentos que decorrem nos contextos de vida, onde a criança se encontra inserida. Por rotinas familiares, entende-se uma determinada atividade que é repetida envolvendo vários membros da família. Estas rotinas caracterizam-se pelo envolvimento e comunicação que estão diretamente relacionadas com a execução das tarefas, sendo que estas têm de ser repetidas no tempo. Esta repetição cria um compromisso envolvendo comunicação com um determinado significado, que origina a compreensão da tarefa e do seu significado para a família (Spagnola & Fiese, 2007).

A intervenção em contextos naturais, pretende desenvolver as competências ao nível da funcionalidade com vista à independência da criança. Esta aprendizagem ocorre ao longo do dia-a-dia, sendo que estas competências vão sendo desenvolvidas pela família com a criança, recorrendo às rotinas diárias da família. Assim, considera-se que o desenvolvimento das competências, que originam a aquisição de novas aprendizagens em contextos naturais, é beneficiada quando são usadas rotinas do quotidiano da criança e da sua família (Woods & Brown, 2011).

2.3 Trabalho em Equipa – transdisciplinidades

Todo o processo da IP é efetuado por equipas de profissionais, com formação especializada e qualificada para exercer as suas funções de forma eficaz (Franco, 2007).

Ao falarmos de equipa pensamos em duas ou mais pessoas que trabalham em colaboração no sentido de obter um mesmo fim. Assim, é importante ter em consideração conceitos como colaboração, coesão e um objetivo comum, sendo que cada membro da equipa deve ter sempre em atenção estes conceitos (Ebersohn, Ferreira-Prévost & Maree, 2007).

A IP engloba uma multiplicidade de saberes, formações e intervenções que têm de se fazer em conjunto, podendo-se considerar que existem três grandes modelos de organização e trabalho em equipa, que são a multidisciplinar, a interdisciplinar e a transdisciplinar. O modo como as equipas se organizam pode diferir. Os profissionais, das diferentes áreas, tanto podem atuar conjuntamente com a mesma criança, numa mesma problemática, como podem atuar individualmente, mediante o modelo de intervenção que a equipa adotou na sua prática (Caldeira, Seixas & Piscalho, 2017).

Na equipa multidisciplinar, os profissionais colaboram em paralelo considerando a base disciplinar de cada um, no sentido de solucionar um mesmo problema (Ebersohn, Ferreira-Prévost & Maree, 2007). A equipa multidisciplinar consiste na existência de diferentes profissionais, que apesar de trabalharem reunidos num mesmo espaço, trabalham de forma independente, uns dos outros, não cruzando informações e/ou opiniões, nem conhecimentos sobre um mesmo caso (Franco, 2007).

As equipas multidisciplinares podem ser formadas por diversos profissionais nomeadamente psicólogos, terapeutas da fala, terapeutas ocupacionais, fisioterapeutas, professores, educadores e assistentes sociais. A equipa procede à avaliação, planeamento da intervenção e execução do apoio (Tang et. al, 2011).

Na equipa interdisciplinar, os profissionais trabalham em conjunto, no entanto cada um respeita a sua formação de base na abordagem de um mesmo problema (Ebersohn, Ferreira-Prévost & Maree, 2007). Está é constituída por vários profissionais de saúde que compartilham o mesmo espaço, fazem a avaliação separadamente, sendo que existe troca de informações e discussão dos resultados obtidos. Sendo que o plano de intervenção, é elaborado pelo conjunto de profissionais da equipa e tendo em consideração as perspetivas individuais de cada profissional (Franco, 2007).

A equipa transdisciplinar, engloba diferentes profissionais, sendo que a família da criança apresenta um papel central na intervenção. A equipa funciona interligada, apesar das diferentes disciplinas, tentando ultrapassar as barreiras das mesmas, de maneira a conseguir moldar as dificuldades, e assim elaborar um plano o mais adequado possível. Sendo que, a interação e a cooperação entre os diferentes profissionais, promove a melhor forma de atingir os objetivos, elaborados no plano de intervenção que melhor possam corresponder às necessidades, pela criança e sua família (Linder, 1993).

Numa equipa transdisciplinar, os profissionais trabalham em conjunto, partilhando um quadro conceitual, de forma a elaborarem teorias, conceitos e abordagens de forma a solucionar um mesmo problema. Podemos dizer que a equipa transdisciplinar é um misto de saberes, personalidades, funções, fomentando a troca de saberes, tendo como finalidade o enriquecimento da intervenção (Ebersohn, Ferreira-Prévost & Maree, 2007).

Segundo King et al. (2009), o modelo de intervenção em equipa transdisciplinar é o modelo que possibilita um maior número de serviços, no que concerne a uma Abordagem Centrada na Família e que assim corresponde da melhor forma oferecendo serviços que possam solucionar ou atenuar as necessidades vivenciadas pela família e criança. É assim, um modelo mais apropriado quando se fala de IP e Abordagem Centrada na Família.

A abordagem transdisciplinar organiza-se tendo por base diversos objetivos, sendo eles a deteção/sinalização dos casos, a avaliação da criança, a participação da família, a responsabilidade pela intervenção, o planeamento da intervenção, a implementação da intervenção, os pressupostos de funcionamento da equipa, a comunicação entre os técnicos, a aprendizagem e formação dos técnicos e as implicações organizacionais (Franco, 2007).

Quando se fala do funcionamento de uma equipa transdisciplinar, é necessário ter em consideração que este se centra nos sentimentos de pertença, empenhamento e corresponsabilização (Caldeira, Seixas & Piscalho, 2017).

Uma das implicações mais importantes na Abordagem Transdisciplinar prende-se com a existência da figura do mediador de caso, profissional que se constitui como interlocutor de apoio entre a família e os restantes elementos da equipa (Franco, 2007).

A equipa transdisciplinar é composta por diversos profissionais, no entanto, não podemos esquecer os valores que regem a equipa. Sendo que, um dos fundamentais se prendem com a corresponsabilização. Este modelo de equipa possibilita ultrapassar os limites de cada saber, o que melhora a forma como responde às necessidades e expectativas da criança e da sua família. Assim, as equipas transdisciplinares necessitam de uma posição de aceitação, recetividade e valorização do outro (Franco, 2007).

A abordagem transdisciplinar ultrapassa os limites do saber disciplinar na medida em que exige que os profissionais tenham uma atitude de partilha e de disponibilidade face aos seus próprios saberes (Caldeira, Seixas & Piscalho, 2017).

A colaboração entre a família e os profissionais afetos à intervenção com os seus filhos é um pilar fundamental em todo o processo interventivo, pois é necessário entender a família como um membro precioso da equipa em todos os aspetos relacionados com a intervenção. Sendo para isso, importante ter em conta as características individuais de cada um, os valores, as crenças, as necessidades e prioridades. Assim, é fulcral que as famílias sejam encorajadas a participar em conjunto com os profissionais que acompanham os seus filhos (Correia, 2013).

Capítulo III – Metodologia de Investigação

A elaboração de um estudo científico surge de uma ideia inicial, partindo para um estudo exploratório sobre um determinado tema, de onde surge uma problemática, seguindo-se a construção de um modelo de análise, a recolha de dados, terminando com as conclusões finais sobre o estudo (Quivy & Compenhoudt, 2005).

Este estudo irá utilizar uma metodologia qualitativa, sendo esta definida como sendo um método que privilegia a análise dos vários microprocessos, através do estudo intensivo dos dados, dando especial ênfase ao exercício da intuição e imaginação do investigador (Martins, 2004).

Apesar de na metodologia qualitativa não existirem critérios definidos é importante que o investigador utilize critérios de forma a garantir o rigor e a qualidade do estudo. Assim, é fundamental, que cumpra os critérios de credibilidade, transferibilidade, consistência e de aplicabilidade (Coutinho, 2008). Não esquecendo, que a investigação qualitativa e nomeadamente o seu rigor assenta numa questão ética, pois uma má interpretação dos dados recolhidos pode ser nefasta na vida dos indivíduos (Martins, 2004).

A pesquisa qualitativa, recorre a um conjunto de procedimentos que tem como objetivo organizar os dados e a forma como estes se revelam, com objetividade e isenção, percebendo assim como se formam ou diferem as perceções, ideias, opiniões e de como se relacionam com determinado acontecimento (Lervolino & Pelicioni, 2001).

3.1 – Finalidade e Objetivos da Investigação

A elaboração do presente estudo pretende analisar e compreender a importância da colaboração na melhoria dos níveis da participação da família na IP, bem como os fatores que influenciam esse tipo de participação.

Assim, pretende-se que o estudo se foque em quatro objetivos:

- . Compreender a importância da colaboração entre pais e profissionais.
- . Compreender como é promovida a participação dos pais no processo de apoio na IP.
- . Analisar e compreender quais os fatores que influenciam positivamente e dificultam a participação da família na IP.

. Identificar as recomendações de melhoria dos níveis de participação das famílias na IP.

3.2 Desenho do Estudo

- Participantes

Neste tipo de pesquisa, a escolha dos participantes é intencional, ou seja, é uma escolha propositada, pois pretende apreender e entender o que ocorre nos casos selecionados, não necessitando de realizar a generalização (Nogueira-Martins & Bógus, 2004).

Atendendo a estas questões, a escolha dos participantes para este estudo, terá em conta os seguintes critérios:

1. Profissionais que integram uma ELI do Distrito de Braga.
2. Profissionais com mais de três anos de experiência.
3. Profissionais com formação especializada em IP.
4. Famílias apoiadas há mais de 1 ano.
5. Famílias que demonstram disponibilidade para participar no estudo e que se sintam confortáveis para enriquecer o estudo.

A cada participante foi solicitada a autorização para a recolha de dados, todos os profissionais e famílias participaram de forma voluntária. Foram referidos quais os objetivos e finalidade do estudo. As entrevistas decorreram entre os meses de junho e julho de 2018.

Neste estudo, foram entrevistados seis profissionais, em que cinco participantes são do sexo feminino e um do sexo masculino. Destes, quatro são licenciados em Educação de Infância, um é licenciado em Terapia da Fala e um em Psicologia. Todos tem formação em IP, cinco com Mestrado em IP e um com pós-graduação em IP (ver quadro 1).

Quadro 1. *Caracterização dos profissionais*

<i>Participante</i>	<i>Formação Base</i>	<i>Especialização</i>	<i>Anos de experiência em IP</i>
<i>Anita</i>	Educadora de Infância	Especialização em Multideficiência e problemas de Cognição Mestrado em IP	13
<i>Patrícia</i>	Educadora de Infância	Especialização em Educação Especial Pós-graduação em IP	5
<i>Leonor</i>	Terapeuta da Fala	Mestrado em IP	7
<i>Sónia</i>	Educadora de Infância	Mestrado em IP	12
<i>Elisa</i>	Educadora de Infância	Mestrado em IP na área de Autismo	10
<i>Armando</i>	Psicólogo	Mestrado em IP	19

Na vertente das famílias, foram entrevistadas sete famílias, todos os agregados são compostos pelo máximo por quatro elementos. Nesta investigação as famílias que usufruem de apoio da ELI, duas famílias de filhos do sexo feminino e cinco do sexo masculino. Por opção das famílias foram apenas as mães que participaram nas entrevistas (ver quadro 2).

Quadro 2. *Caracterização das famílias*

<i>Participante</i>	<i>Idade da mãe</i>	<i>Idade da criança</i>	<i>Tipos de apoio</i>
<i>Mãe da Sofia</i>	34	5	ELI, Terapia da Fala e Integração Sensorial
<i>Mãe do Gustavo</i>	37	6	ELI, Terapia da Fala e Integração Sensorial
<i>Mãe do Guilherme</i>	26	2	ELI, Terapia da Fala, Terapia Ocupacional e Fisioterapia
<i>Mãe do Marco</i>	29	4	ELI, Terapia da Fala e Terapia Ocupacional
<i>Mãe do Mário</i>	31	5	ELI, Terapia da Fala e Terapia Ocupacional
<i>Mãe da Lara</i>	32	3	ELI
<i>Mãe do Fernando</i>	36	6	ELI e Terapia da Fala

3.3- Instrumentos de recolha de dados

A recolha de dados será realizada através de uma entrevista semiestruturada. Esta entrevista será aplicada individualmente aos profissionais e famílias por eles apoiadas.

A utilização da entrevista permite ao investigador explorar o tema pretendido, pois vai referenciar e classificar um determinado problema, bem como, identificar valores, ideias e comportamentos perante as questões apresentadas (Lessard- Hébert, Goyette & Boutin, 2008).

Considera-se que a maior vantagem da utilização de uma entrevista sobre outro tipo de práticas, é que esta permite a recolha imediata da informação desejada, junto de qualquer tipo de indivíduo entrevistado e sobre os mais variados temas (Nogueira- Martins & Bógus, 2004).

A realização da entrevista permite a aplicação de diversos processos considerados fundamentais para a comunicação e para a interação humana. Permitindo desta forma, que o investigador retire informação e elementos de reflexão, bastante importantes para o desenrolar do estudo (Quivy & Campenhoudt, 2005).

Apesar de inicialmente o investigador organizar um guião, não quer dizer que ao longo das entrevistas, e mediante algumas necessidades identificadas possa retirar ou acrescentar alguma questão de forma a adequar melhor a entrevista ao seu principal objetivo (Nogueira-Martins & Bógus, 2004).

A cada participante no estudo foram explicados os objetivos do estudo e garantida a confidencialidade de todos os dados recolhidos.

3.4 Análise de dados

A análise dos dados deste estudo será feita através da análise de conteúdo. A análise de conteúdo, aparece como uma ferramenta que possibilita a compreensão e que origina significado ao discurso dos intervenientes, esta utiliza três fases fundamentais que são a pré-análise; a exploração do material e consequente tratamento dos resultados (Bardin, 2008).

A pré-análise prende-se com a organização da informação recolhida e de todo o material que possa auxiliar na investigação. A exploração do material permite categorizar toda a informação aprofundando o conhecimento, de forma a identificar e categorizar ideias coincidentes ou divergentes. O tratamento dos resultados é a fase de análise mais propriamente dita. É o momento de reflexão e intuição de forma a atingir se possível as respostas que se pretendiam, dando assim significado as ideias (Nogueira – Martins & Bógus, 2004; Bardin, 2008; Campos & Turato, 2009).

Sendo que a recolha de dados é ampla, indo desde o registo das entrevistas até ao material recolhido ao longo da investigação é importante num primeiro momento organizar todo o material obtido (Nogueira-Martins & Bógus, 2004).

A literatura considera que a análise de conteúdo pode ser definida através da utilização de um conjunto de técnicas de análise da comunicação, utilizando procedimentos sistemáticos e objetivos que permitam a descrição do conteúdo das mensagens recolhidas, permitindo assim originar inferências sobre os dados (Bardin, 2008).

A análise de conteúdo privilegia as diversas formas de comunicação nomeadamente oral e escrita, no entanto não deve dispensar outras formas de comunicação. Assim é, importante que o investigador conheça bem o tema que pretende estudar e que tenha a sensibilidade para estar atento e perceber as pequenas mudanças no discurso, as expressões, as pausas, as repetições, as dificuldades em responder, as próprias contradições, pois todos estes aspetos revelam-se cruciais para o melhor entender de toda a informação recolhida (Gualda, Merighi & Oliveira, 1995; Turato, 2000).

As definições das cinco categorias do estudo surgiram de forma indutiva, ou seja, as categorias foram definidas previamente tendo em conta os objetivos do estudo (Campos & Turato, 2009; Turato, 2000) (ver figura n.º 1).

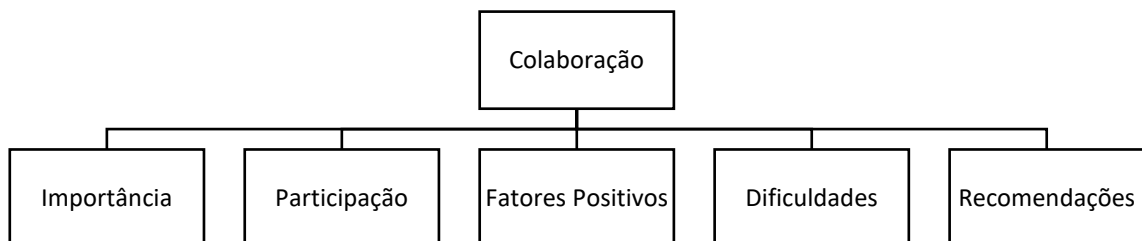


Figura 1. Definição das categorias de análise

Capítulo IV – Apresentação e Análise dos Dados

Neste capítulo são apresentados os resultados do trabalho de investigação realizados junto dos profissionais e famílias de uma ELI do distrito de Braga.

Todos os dados serão expostos descritivamente e pormenorizados, abordando todas as perspetivas e opiniões de cada um dos participantes.

A cada um dos participantes será atribuído um nome fictício.

A Apresentação dos dados encontra-se organizada apresentando primeiro os dados dos profissionais, seguidos pelos dados das famílias.

Profissionais

Anita

Caracterização

A Anita é licenciada em Educação de Infância e integra uma ELI do Distrito de Braga “há cerca de 8 anos” (¶1), sendo que já anteriormente esteve integrada em projetos de IP.

A Anita tem desenvolvido diversa formação, tendo uma especialização na Escola Superior de Educação do Porto em Multideficiência e Problemas de Cognição e Mestrado em IP pela Universidade Fernando Pessoa.

Desempenha a sua função enquanto profissional da ELI, desenvolvendo o trabalho em parceria com a equipa “em contexto de domicílio, contexto de Jardim de Infância e creche” (¶3).

A Anita refere que a principal motivação para o desenvolvimento deste apoio é o fato do seu “sonho ser trabalhar com crianças pequeninas” (¶6), ou seja trabalhar com a faixa etária dos 0 aos 6 anos. Pois apesar de ao longo do tempo terem surgido outras oportunidades, a sua grande motivação prende-se com o trabalho “com crianças e famílias, no fundo adoro ajudar os outros” (¶6).

Importância

A Anita refere que é muito importante a existência de colaboração entre pais e profissionais, pois considera que cada um “aprende com o outro” (¶8). Cada profissional que intervêm com a criança tem

a sua área de especialidade e só colaborando entre si é possível atingir resultados positivos, sendo também importante os pais experienciarem fazer parte integrante da equipa que apoia o seu filho, que eles “são o pilar mais importante” (¶8), de todo o processo interventivo, é um marco importante para o apoio desenvolvido.

A Anita refere que os pais são o pilar fundamental da intervenção, pois são eles “quem conhecem melhor as crianças” (¶10), são eles quem melhor conseguem definir, naquele momento, as suas preocupações e prioridades. Neste sentido considera que é fundamental que o profissional vá ao “encontro das preocupações da família” (¶10).

A Anita refere a pertinência de “perceber um bocadinho o que é que os pais sentem” (¶24), pois ao longo do tempo sinto “que cada dia que passa devia fazer muito mais” (¶24). Por isso, a realização destes estudos é importante para descodificar o que é necessário mudar, pois “sem dúvida nenhuma há muita coisa que temos de mudar” (¶24), para “melhorar a nossa prática” (¶24).

Participação

A Anita refere que a principal forma de promover a colaboração se prende com a necessidade de encontrar momentos para estarmos juntos, para nos ajudarmos” (¶12) de forma a consolidar e transmitir estratégias, esclarecer as dúvidas dos pais, para tentar atingir um determinado objetivo. Por isso, a Anita refere que o mais importante é fomentar um “trabalho de parceria” (¶12), tendo sempre em consideração a colaboração, a atenção e a preocupação de todos os intervenientes.

Fatores Positivos

Segundo a Anita, o principal fator é “os pais quererem ajudar a criança” (¶14) pois isso também acaba por influenciar o envolvimento do próprio profissional. Refere ainda que quando os pais estão envolvidos no apoio o sucesso da criança é mais significativo.

Dificuldades

A Anita refere que a grande dificuldade, em alguns casos se prende com o facto de os pais “não se quererem envolver” (¶16). No entanto, refere que também existem responsabilidades imputadas aos

profissionais, nomeadamente “quando não temos tempo, ou não marcamos reuniões ou contactos” (¶16).

Por vezes, as questões de tempo acabam por influenciar negativamente todo o desenrolar da intervenção, pois a Anita refere que por vezes o “dia podia ter 48 horas, e não consigo chegar a todos” (¶16), devido ao elevado número de casos atribuídos a cada profissional. Refere que cada profissional tem nesta equipa uma “média de 20 casos” (¶16), no entanto, no caso da Anita este número tem vindo a diminuir.

Outro dos fatores que dificultam a participação das famílias é, segundo a Anita, a necessidade/obrigatoriedade do cumprimento de horários, pois considera que se houvesse maior flexibilidade nos horários a participação das famílias seria mais efetiva.

Assim, a Anita considera que o principal fator que pode influenciar a colaboração “é o nosso tempo ou o tempo deles” (¶18). A este nível salienta que quando são concretizados os momentos de partilha, como as reuniões, os pais na sua maioria mostram-se bastante envolvidos e partilham ideias e preocupações.

Recomendações

A Anita refere que seria importante “proporcionar mais encontros” (¶20) entre pais e profissionais, fomentando momentos de partilha entre todos, “criar momentos em que possamos estar mais com os pais, proporcionar seja formação, encontros, convívios” (¶20).

Outra sugestão, prende-se com a “criação de momentos de partilha entre pais com as mesmas necessidades e preocupações” (¶22).

De seguida, será apresentado um quadro com o resumo dos dados recolhidos da participante Anita (ver quadro 3).

Quadro 3. *Resumo dos Dados Recolhidos da Participante Anita*

Profissionais	Anita
Caracterização	Licenciada em Educação de Infância, com mestrado em IP. Desenvolve o seu trabalho em parceria com as famílias e a sua maior motivação é o trabalho com as crianças.
Importância	Considera importante, pois esta colaboração permite aprender em conjunto. E a família é o parceiro fundamental da intervenção. A família é quem melhor consegue definir as suas necessidades e preocupações. Perceber melhor os sentimentos experienciados pelas famílias, para assim melhorar continuamente o serviço prestado. Continuar a estudar o que é necessário mudar em termos de práticas.
Participação	Encontrando momentos de partilha, para definir estratégias, esclarecer dúvidas. É importante desenvolver um trabalho de parceria e colaboração.
Fatores positivos	É a família querer fazer parte do processo, faz com que o profissional também se sinta mais envolvido. Este envolvimento de todos origina um maior sucesso do apoio.
Dificuldades	A família não se querer envolver no processo. A falta de tempo dos profissionais e o elevado número de casos acompanhados. Os horários quer das famílias quer dos profissionais.
Recomendações	A importância de organizar mais momentos de reunião com as famílias, proporcionando mais momentos de partilha, formação, convívios e encontros.

Patrícia

Caracterização

A Patrícia tem como formação base Educação de Infância, possui também uma especialização em Educação Especial e uma Pós-graduação em IP.

Integrou a ELI do distrito de Braga em 2014, mas anteriormente esteve “um ano em Guimarães” (¶2).

A sua motivação prende-se com a faixa etária com que intervêm que vai de encontro a sua formação base. Procura manter “uma boa relação com as famílias” (¶3), tentando corresponder sempre “as necessidades, aos interesses da família” (¶3).

Importância

A Patrícia considera que a colaboração entre pais e profissionais “é importantíssimo” (5), sendo necessária “está articulação” (¶5), pois a intervenção só é eficaz se houver partilha de ambas as partes, ou seja tem “de haver compreensão mútua” (¶5).

É também importante que os profissionais vão “mais de encontro as expectativas dos pais” (¶5), pois se o profissional tentar impor determinada tarefa “nunca aquele pai vai fazer aquilo” (¶5). Ou seja, tem de ser o profissional a adaptar-se a família e “não a família adaptar-se a nós” (¶5).

Participação

É importante que os pais sejam o mais “participativos possível” (¶7), no entanto nem sempre lhes é possível ser tão participativos quanto gostariam “devido as suas atividades laborais” (¶7). Pois como os horários laborais dos pais são muito alargados dificulta o agendamento dos momentos de partilha entre ambos.

No entanto, os profissionais recorrem a outras formas de contacto, como o “contacto telefónico, e-mail” (¶7), bem como, o técnico acaba por se disponibilizar para agendar reuniões em horários não laboral.

O agregado familiar também influencia, segundo a Patrícia, pois há “pais que não tem só aquele filho, depois tem a vida diária deles, aquelas rotinas” (¶7) o que interfere na marcação das reuniões.

A promoção da colaboração prende-se com a marcação das reuniões, a identificação das necessidades/preocupações dos “pais naquele momento” (¶9).

A planificação da intervenção é sempre elaborada em conjunto, onde também são transmitidas estratégias e depois recorrendo a um contacto o mais próximo possível com a família nem que seja através de um contacto telefónico.

Fatores positivos

Segundo a Patrícia quanto mais os pais colaborarem, mais se conhece a criança e a família, mais beneficiada será a criança. Pois se não houver colaboração entre pais e profissionais, o profissional não vai “conhecer tão bem” (¶12) a criança porque o profissional vai “centrar-se mais no que vê ou não”

(¶12) e é importante referir que a criança apresenta comportamentos diferentes nos seus variados contextos de vida.

Dificuldades

A Patrícia refere como fatores que dificultam a colaboração dos pais, o nível escolar pois por “vezes não compreendem o que lhes é pedido” (¶14).

Os horários laborais, sendo que os profissionais tentam sempre contornar esta dificuldade com “um telefonema ou por e-mail” (¶14).

Outro dos aspetos é tentar fazer um “apoio mais domiciliário” (¶15) do que em contexto educativo, pois a intervenção em domicílio favorece um contacto privilegiado com os pais.

Recomendações

A Patrícia sugere de forma a melhorar os níveis de participação, possibilitar horários mais flexíveis, que os profissionais logo desde o primeiro momento mostrem aos pais a importância da sua envolvimento em todo o processo de intervenção “no meio do jogo nós somos aqui uma peça, não é! Eles é que tem de comandar o jogo, não é!” (¶17).

É também importante saber ouvir os pais, pois a Patrícia refere que “se nós logo desde o início soubermos ouvi-los, nós vamos trazê-los muito mais facilmente. Porque vamos ganhar a confiança deles” (¶17). Pois é muito importante a cumplicidade entre família e profissionais. Bem como ser um “apoio/suporte emocional que acho que é muito importante” (¶19).

De seguida será apresentado um quadro com resumo dos dados recolhidos da participante Patrícia (ver quadro 4).

Quadro 4. Resumo dos Dados Recolhidos da Participante Patrícia

Profissionais	Patrícia
Caracterização	Licenciada em Educação de Infância, com especialização em Educação Especial e Pós-graduação em Intervenção Precoce. A sua principal motivação prende-se com a faixa etária com que intervêm e o trabalho conjunto com a família.
Importância	É bastante importante, sendo necessário articular e compreender-se mutuamente. Respeitar as expectativas dos pais, sendo que o profissional se deve adaptar a família.
Participação	Contactos frequentes, quando não é possível que sejam presenciais recorre ao contacto telefónico ou e-mail. Reajuste de horários. Identificação das necessidades e preocupações da família. Planificação da intervenção em parceria. Transmissão de estratégias.
Fatores positivos	O conhecimento mútuo de pais e profissionais, quanto mais os pais participam, melhor o profissional conhece a criança e a família.
Dificuldades	O nível escolar, que por vezes dificulta a compreensão do que lhes é transmitido. Os horários laborais. O apoio desenvolver-se em contexto escolar ao invés do contexto domiciliário.
Recomendações	Horários mais flexíveis. O demonstrar as famílias a importância de ser participantes ativos em todo o processo de apoio. O saber ouvir as famílias, pois é importante a cumplicidade entre pais e profissionais.

Leonor

Caracterização

A Leonor é licenciada em Terapia da Fala, em 2010, com o Mestrado em IP na Universidade do Minho, tendo também várias formações na área da Terapia da Fala.

Integrou a ELI do distrito de Braga “desde a formação da ELI em 2011” (¶4). Tendo já anteriormente participado em “projetos de IP na AFPAD” (¶4) e em “Gaia numa instituição” (¶4).

A Leonor refere como principal fator de motivação o trabalhar com crianças pois refere que gosta “de trabalhar com esta faixa etária” (¶6), bem como, o crescente trabalho com as famílias. Pois ao longo

do tempo vem “percebendo que há resultados muito mais significativos e mais gratificantes quando conseguimos” (¶6) que a família se envolva na intervenção.

Importância

A Leonor considera esta colaboração de extrema importância pois refere que “sem essa colaboração não temos evoluções” (¶8) ou estas são muito pequenas. Quando a família não colabora na intervenção a criança não se envolve tanto na intervenção, ou seja, não está tão motivada.

A Leonor acredita que “quando os pais estão envolvidos e motivados, continuam o trabalho no domicílio e nos contextos de vida nota-se uma diferença muito grande no desenvolvimento da criança” (¶8).

Considera ainda, que quanto maior for o envolvimento dos pais na intervenção maior é a partilha entre ambos, pois os pais sentem-se mais à-vontade para questionar ou dar sugestões aos profissionais.

Participação

A Leonor diz que esta colaboração é promovida desde o início. Pois “desde o início que tento passar a informação de que os pais são os principais motores da intervenção” (¶10).

Que a sua colaboração é essencial e que preciso dessa colaboração para saber quais as necessidades da criança e família, bem como quais são as suas preocupações.

É essencial manter sempre o contato com a família “através de telefone, e-mail, cadernos de comunicação quando a nossa intervenção é mais em contexto educativo, quando é no domicílio, tudo isto é muito mais facilitado” (¶10) pois o contato com os pais é muito frequente, o que propicia uma relação muito próxima. E a transmissão de estratégias, a planificação da intervenção e atividades é mais facilitado quando o apoio é realizado em domicílio.

A Leonor refere que era importante realizar “mudanças grandes para já no País, porque nós temos algumas leis que falam na flexibilidade de horário dos pais com filhos pequenos” (¶21) com Necessidades Especiais.

Fatores positivos

A Leonor refere que o principal fator se prende com a motivação dos pais, nomeadamente quando “os pais percebem que precisam de ajuda para o desenvolvimento daquela criança, eu acho que eles nos procuram mais” (¶12).

Outro dos fatores é a disponibilidade, pois quando os pais, tem pouca disponibilidade denota-se que ao longo do tempo vão-se afastando, nomeadamente pelo horário de trabalho ou subcarga nas dispensas que tem de solicitar no emprego. Por outro lado, quando os pais, tem um horário mais flexível ou maior disponibilidade o seu envolvimento é diferente.

Outro fator, prende-se com a evolução demonstrada pela criança, pois “a resposta da criança quando nós conseguimos ir de encontro realmente ao que eles precisam e a criança começa a responder, é ali um motor para os pais continuarem a ligação connosco” (¶15).

Dificuldades

Um dos fatores identificados pela Leonor é a falta de tempo ou pouca disponibilidade.

Outro dos fatores, é os pais ainda se encontrarem numa fase de não aceitação das dificuldades do filho. E o seu estado emocional não permitir uma partilha e colaboração eficaz com o profissional.

Outra questão prende-se com o modelo centrado na família porque ainda existe uma tendência do técnico para se focar na intervenção, sendo necessário ter sempre presente que o foco é a família.

Recomendações

A Leonor defende que é possível melhorar os níveis de colaboração tendo em atenção os fatores tempo, a “nossa própria disponibilidade, dos técnicos, porque nós temos horários normais de trabalho” (¶19).

De seguida, será apresentado um quadro com o resumo dos dados recolhidos da participante Leonor (ver quadro 5).

Quadro 5. Resumo dos Dados Recolhidos da Participante Leonor

Profissionais	Leonor
Caracterização	Licenciada em Terapia da Fala, com Mestrado em IP. O seu principal fator de motivação é o desenvolvimento do trabalho com esta faixa etária e o trabalho com as famílias.
Importância	Extremamente importante, quer para o sucesso da intervenção quer para o envolvimento da criança. E para a partilha entre todos.
Participação	Colaboração para definir as necessidades e preocupações da família. Manter um contacto próximo com a família. A intervenção em contexto domiciliário favorece um contacto mais frequente com as famílias, bem como, a planificação da intervenção e atividades, a transmissão de estratégias. Colocar em prática as leis que permite aos pais com filhos com necessidades especiais usufruir de um horário laboral mais flexível. Ter sempre presente que o foco da intervenção é a família.
Fatores positivos	A motivação dos pais. A disponibilidade, muitas vezes influenciada pelos horários laborais. A evolução demonstrada pela criança.
Dificuldades	Falta de tempo ou pouca disponibilidade. Os pais estarem numa fase de negação. Estado emocional da família.
Recomendações	Uma maior disponibilidade e flexibilidade de horários.

Sónia

Caracterização

A Sónia é Educadora de Infância, tendo lecionado durante 15 anos, até que foi convidada para integrar um projeto de IP. Tem um Mestrado em IP na Universidade do Minho.

Refere como principal fator de motivação o trabalho desenvolvido, e a própria equipa.

Importância

A Sónia considera a colaboração como a base da intervenção, sendo fundamental criar um eixo comum para a intervenção apesar das ideias e opiniões por vezes divergentes.

Participação

A Sónia refere que os pais são importantes em todo o processo de intervenção, desde logo no momento da avaliação. Nem sempre é fácil envolver as famílias, no entanto, no decorrer da intervenção acaba por se criar uma relação próxima que facilita a resolução de todas as questões relacionadas com a intervenção.

A Sónia considera que é mais fácil promover esta colaboração nos casos em que a intervenção decorre em contexto domiciliário. No entanto, quando este contacto permanente não é possível a Sónia recorre ao e-mail, a utilização de uma sebenta, tentando assim ter um feedback por parte da família. Bem como, o uso do contacto telefónico. Sendo que as reuniões são também um marco importante da intervenção.

Seria importante aumentar o número de profissionais afetos à equipa, bem como diversificar as áreas de especialização dos mesmos, por exemplo a Sónia refere a falta de profissionais da área motora.

Outro aspeto é que a “produção, por exemplo de trabalho científico não chega as ELI’s, e é preciso” (¶23), não quer dizer que o trabalho não tenha sido feito, mas provavelmente não chega até as equipas.

É também importante avaliar o trabalho desenvolvido pelas diversas equipas e perceber o que melhorar e quais são as melhores práticas “vamos aprender todos com todos” (¶24).

Fatores positivos

Um dos principais fatores é as famílias verem resultados positivos da intervenção. É importante acompanhar as famílias atendendo as suas necessidades e preocupações. Para assim, atender de forma mais eficaz as suas necessidades.

Dificuldades

A Sónia considera que existem fatores que dificultam esta colaboração, pois “sem querer julgamos, não é, é muito difícil chegar ao não julgamento, a aceitação total” (¶15), o fato de por vezes as crenças pessoais influenciar, no entanto, quando ultrapassada esta barreira é possível atingir bons resultados.

O fato das equipas terem elementos vindo de três ministérios diferentes também dificulta, sendo que a Sónia refere “que está questão dos três ministérios com este funcionamento muito diferente não me faz sentido” (¶23).

Recomendações

Na opinião da Sónia o número de casos por profissional é elevado, e por vezes seria necessário ter mais tempo para desenvolver um maior trabalho com a família.

A Sónia considera importante que o trabalho de todas as equipas deveria ser mais uniformizado, e melhorando continuamente o trabalho desenvolvido pelas equipas.

De seguida, será apresentado um quadro com o resumo dos dados recolhidos da participante Sónia (ver quadro 6).

Quadro 6. *Resumo dos Dados Recolhidos da Participante Sónia*

Profissionais	Sónia
Caracterização	Licenciada em Educação de Infância, com mestrado em IP. A motivação é o trabalho desenvolvido, bem como a própria equipa.
Importância	A colaboração é a base da intervenção. Criação de um eixo comum entre as ideias e opiniões de todos os intervenientes.
Participação	Envolver os pais desde o momento da avaliação. Criando uma ligação próxima com a família. E agendamento de reuniões. Quando não é possível desenvolver o apoio em contexto domiciliário, recorre ao uso do e-mail, uma sessão ou contacto telefónico. Aumentar o número de profissionais afetos à equipa. Diversificação das áreas de especialização dos elementos da equipa. As equipas terem acesso ao trabalho científico desenvolvido. Avaliação do trabalho desenvolvido pelas equipas.
Fatores positivos	A família observar evoluções na criança. Acompanhar as famílias atendendo as suas necessidades e preocupações.
Dificuldades	O facto de haver algum tipo de julgamento atendendo as crenças de cada um.
Recomendações	Diminuir o número de casos acompanhado por cada profissional. Uniformizar o trabalho desenvolvido pelas equipas.

Elisa

Caracterização

A Elisa é Educadora de Infância, com Mestrado em IP na área de Autismo. Trabalha numa ELI do distrito de Braga, a sua intervenção decorre em domicílios, jardins de infância e creches.

O seu principal foco de motivação é “a equipa em si” (¶4), refere que o trabalho que desenvolvem “é muito estimulante, é satisfatório, mas as barreiras são bastantes” (¶4).

O apoio da equipa, as palavras de agradecimento e incentivo por parte das famílias são um grande alento para continuar a desenvolver este trabalho. Pois, por vezes com o número de casos que cada um tem torna-se um pouco complicado.

Importância

A Elisa considera de extrema importância esta colaboração, “apesar desta colaboração ser difícil” (¶6). A Elisa refere que nem sempre é fácil manter um contacto próximo com as famílias, devido aos horários laborais, ao fato da intervenção decorrer muitas vezes em contexto escolar (creche e jardim de infância), ao invés do contexto domiciliário. No entanto, os profissionais arranjam sempre estratégias para favorecer este contato, por exemplo recorrendo ao contacto telefónico. Pois a Elisa considera que “se não houver este trabalho direto com os pais, esta transmissão de diversas estratégias, de opiniões, partilha de informação, mas que acaba por ser difícil estando nós integrados no contexto, onde estamos” (¶6).

Participação

A Elisa promove a colaboração fazendo reuniões, onde são “elaborados os objetivos, dos planos de trabalho, de ação” (¶8), recorre como forma de contacto o e-mail, um caderno ou telefonema, de forma a poder manter um contacto mais frequente com as famílias.

Fatores positivos

A Elisa refere que existem fatores que podem influenciar esta colaboração, como por exemplo, um pequeno resultado da intervenção, o feedback das crianças, a satisfação para com o técnico e a

própria intervenção e também a importância de passar estratégias aos pais para tentar colmatar determinada dificuldade.

Dificuldades

A Elisa refere que o fato de ainda existir uma cultura muito clínica no nosso país faz com que por vezes se crie um clima de pressão para com os pais, e por vezes é preciso desmistificar algumas situações. Os horários laborais dos pais também dificultam por vezes um contacto mais próximo.

A Elisa considera que se deveria apostar mais na formação das equipas, ajudando assim na construção e preenchimento das questões mais burocráticas. Diminuir o número de casos afetos a cada profissional.

Recomendações

A Elisa considera que se diminuir a intervenção dos 0 aos 3 anos, “um dos grandes problemas que se poderia resolver, era nós fazermos um bom apoio até aos três anos, a partir daí estava entregue à Educação Especial” (¶18). Outro dos fatores que a Elisa considera essencial é a realização da intervenção em contexto domiciliário.

A Elisa considera essencial uma “mudança de paradigmas” (¶20), voltando a focar a intervenção no foco inicial da Intervenção Precoce (IP).

De seguida, será apresentado um quadro com o resumo dos dados recolhidos da participante Elisa (ver quadro 7).

Quadro 7. *Resumo dos Dados Recolhidos da Participante Elisa*

Profissionais	Elisa
Caracterização	Licenciada em Educação de Infância, com mestrado em IP. A motivação é a própria equipa, o trabalho que desenvolvem é estimulante e satisfatório e as palavras que lhes são dirigidas pelas famílias.
Importância	A colaboração é de extrema importância. É importante manter um contacto próximo com as famílias.
Participação	Promovendo reuniões onde são elaborados os objetivos e planos de trabalho, transmitindo estratégias, ideias e opiniões. Recorrendo ao uso de contacto por e-mail, caderno ou telefónico, mantendo assim um contacto próximo com a família.
Fatores positivos	Os resultados da intervenção e feedback das crianças. A satisfação para com o profissional e a própria intervenção. A transmissão de estratégias no sentido de ajudar os pais perante determinada dificuldade sentida pela família.
Dificuldades	O facto de ainda existir uma cultura muito clínica. A pressão exercida sobre os pais. Os horários laborais que dificultam um contato mais próximo. Apostar mais na formação das equipas. Diminuir o número de casos afetos a cada profissional.
Recomendações	Diminuir o foco de intervenção para a faixa etária 0 – 3 anos. Realização da intervenção em contexto domiciliário. Uma mudança de paradigmas focando a intervenção no foco inicial da IP.

Armando

Caracterização

O Armando tem como formação base Psicologia, com Mestrado em IP. Desenvolvendo o trabalho na IP há cerca de 19 anos, tendo-se afastado deste percurso por um curto espaço de tempo.

Descreve como fator de motivação o desenvolvimento do seu trabalho com as crianças e suas famílias, refere “é um trabalho que eu gosto muito, porque trabalhar com crianças e com famílias e atuar nos fatores de risco, atuar ao nível da prevenção. Eu gosto muito e acho que esse é o caminho, quanto mais cedo se intervêm, melhores os resultados” (¶15).

Considera ainda, que o trabalho na IP deve ser desenvolvido através da articulação entre todos os envolvidos no trabalho com as crianças e suas famílias.

Importância

O Armando refere que a colaboração entre pais e profissionais “é crucial, os pais são o coração da intervenção precoce” (¶7), enquanto que o papel do profissional é serem “mediadores, facilitadores no sentido de os apoiar” (¶7), para que estes possam atingir os seus objetivos, atendendo as suas expectativas, necessidades, dúvidas e preocupações.

Participação

O Armando considera que os pais têm de “ser sensibilizados a participar” (¶9), são eles quem está com a criança uma grande parte do tempo, “são os filhos deles” (¶9). Esta colaboração é no entender do Armando fundamental.

Considera que as famílias quando orientadas e sensibilizadas se tornam participantes ativos no processo de intervenção. A sua experiência diz-lhe que as famílias querem usufruir deste apoio e que “a partir do momento que nos disponibilizamos, as famílias aceitam e respondem com, da melhor forma que conseguem” (¶9).

As famílias participam em todo o processo de intervenção, ou seja, desde o acolhimento até ao seu termino. Ou seja, a família participa logo de início dando autorização para o desenvolvimento do apoio, na avaliação inicial e continua dando a sua opinião, participam nas reuniões de caso, na elaboração do Plano Individual de Intervenção Precoce (PIIP) e na própria resolução das suas dificuldades e necessidades.

Fatores positivos

O Armando considera que a forma como o modelo de intervenção está pensado é desde logo um fator positivo, pois engloba a colaboração da família desde o início até a transição.

Outro dos fatores refere-se as competências dos profissionais, como por exemplo serem facilitadores, terem uma grande capacidade de escuta, de respeito e amor incondicional pelas famílias. O conseguirem desenvolver um apoio tendo como objetivo a resolução das necessidades e dificuldades

da família. O envolvimento e participação de todos os elementos envolvidos neste processo. Não esquecendo o código de ética e deontológico do profissional.

Dificuldades

O Armando refere que os fatores negativos se prendem com a falta de competências dos profissionais para envolver as famílias. “Se não existir espírito de abertura por parte dos profissionais, de respeito incondicional pelas famílias” (§22), todo este processo está dificultado.

O Armando defende que o processo de apoio está intimamente focado nas relações relacionais e nas questões de disponibilidade dos profissionais. Da compreensão das necessidades e dificuldades da família. É importante que o profissional esteja completamente disponível para a família bem como “disponibiliza tudo em prol da família” (§35). A capacidade que os profissionais apresentam em ouvir as famílias e como promovem o desenvolvimento quer das crianças quer das famílias, é a questão chave desta intervenção.

Recomendações

O Armando refere que é sempre possível melhorar os níveis de colaboração das famílias, “ou seja, se as famílias forem envolvidas crescentemente com níveis mais altos de apoio, é possível responder de forma mais forte as necessidades das famílias” (§25). Que é importante continuar a refletir sobre todo o processo de apoio bem como nas diferentes formas de motivar as famílias a colaborar com o mesmo.

Por vezes a complexidade do próprio modelo pode influenciar negativamente esta colaboração.

O Armando considera que é possível continuar a melhorar os níveis de colaboração fornecendo as famílias mais “apoio material, apoio emocional, apoio instrumental” (§28), bem como, aumentando a sua rede de apoio.

Sendo ainda importante, segundo o Armando que as famílias sintam que são aceites e compreendidas pelos profissionais, assim é importante que os profissionais se dotem das “competências necessárias para responder de forma adequada e com a qualidade esperada” (§31). Pois se as famílias “sentirem que são bem acolhidas, se sentirem confiança, se sentirem respeitadas, as famílias abrem-se e disponibilizam-se totalmente ao caso” (§31).

De seguida, será apresentado um quadro com o resumo dos dados recolhidos do participante Armando (ver quadro 8).

Quadro 8. *Resumo dos Dados Recolhidos do Participante Armando*

Profissionais	Armando
Caracterização	Licenciado em Psicologia, com mestrado em IP. A motivação deve-se ao desenvolver o trabalho com as crianças e famílias.
Importância	A colaboração é crucial, sendo os pais são o pilar da intervenção. O profissional deve ser mediador e facilitador no apoio á família.
Participação	A família deve ser sensibilizada a participação. A disponibilidade do profissional para com a família. A família participa em todos os momentos do processo.
Fatores positivos	A própria construção do modelo de intervenção. As competências dos profissionais. Responder às necessidades e dificuldades da família.
Dificuldades	Prendem-se com a falta de competências dos profissionais para envolver as famílias. Se os profissionais não se mostrarem disponíveis para respeitar incondicionalmente as famílias. Que os profissionais apresentem capacidade de ouvir as famílias e de promoverem o desenvolvimento da criança e da família.
Recomendações	Envolver constantemente as famílias no processo de apoio. Continuar a refletir sobre todo o processo de apoio e sobre as formas de motivar as famílias a colaborar com o mesmo. Oferecer maior apoio material, emocional e instrumental as famílias. Aumentar a rede de apoio.

Famílias

Mãe da Sofia

Caracterização

O agregado familiar da Sofia é composto por três elementos (pai, mãe e criança). A patologia da Sofia começou a ser diagnosticada aos 16 meses de vida, sendo que foi aquando da sua integração no Jardim de Infância. Após o diagnóstico de algumas dificuldades o contexto escolar aconselhou o apoio da ELI.

A mãe da Sofia refere que apesar de não conhecer o que era e qual o objetivo da ELI, tudo lhes foi explicado desde o primeiro momento. Foi-lhe atribuído um Psicólogo, que a família refere que os “apoiou na parte da família” (¶4), depois por insistência da família, pois considera que não era um psicólogo que poderia responder as necessidades da Sofia foi-lhe atribuída uma Educadora de Ensino Especial.

Neste momento além do apoio da ELI, a Sofia é ainda “acompanhada em Terapia da Fala, está com Integração Sensorial e hidroterapia” (¶6).

Importância

A mãe da Sofia considera fundamental esta colaboração, referindo que “é o mais importante, porque somos uma equipa para poder ajudar a criança, todos em redor da dela, toda a gente que lida com a criança deve estar em harmonia para poder ajudá-la” (¶14). Pois a mãe considera que se não houve comunicação e colaboração entre todos não haverá evolução.

Participação

A mãe refere que marcam reuniões onde abordam as evoluções da Sofia, fazem reuniões conjuntas da ELI e a Educadora de Infância onde são discutidos “métodos para o fazer, dicas, sempre lá está, equipa, comunicação de equipa” (¶24).

Os profissionais que acompanham a Sofia pedem e ouvem sempre a opinião da família sobre tudo o que se relaciona com a filha. Sendo que a mãe considera importante que ouçam a sua opinião, mas que também é importante os pais ouvirem a opinião dos profissionais que acompanham os seus

filhos, assim, a mãe acha “que tanto para eles conta muito a nossa opinião como para nós conta muito a opinião deles.” (¶28).

Fatores positivos

A mãe refere como fatores de influência da colaboração da família na IP, a relação criada entre a criança e o profissional, a disponibilidade dos profissionais para ajudar e apoiar as famílias a própria comunicação de estratégias que a família pode utilizar em contexto familiar para ajudar nas evoluções da criança.

Dificuldades

A mãe refere como fatores que dificultam a participação da família “se não houver diálogo, se as pessoas não estiverem abertas ajudar em casa” (¶32), o trabalho desenvolvido tem de ser concretizado em colaboração entre todos os intervenientes, e não depender apenas dos profissionais que acompanham a criança, pois o trabalho desenvolvido pela família é muito importante.

Recomendações

A mãe da Sofia considera que melhorar os níveis de colaboração depende quer das famílias quer dos profissionais, pois se não houver colaboração de alguma das partes isso irá influenciar negativamente o processo de apoio.

É por isso importante que todos os intervenientes definam o que é mais importante para a criança, pois “querendo o bem da criança as pessoas conseguem colaborar e conseguem com diálogo, com disposição, as vezes é complicado ter disposição, ter tempo, ter paciência, mas tem de ser são nossos filhos” (¶36).

Apesar de saber que não é fácil por vezes os pais aceitarem as dificuldades e necessidades dos seus filhos, está não aceitação só prejudica o desenvolvimento dos seus filho, é importante que a família se disponibilize para ajudar, sendo importante saber “como é que o posso ajudar, como é que vou fazer e fazer da melhor maneira” (¶38), para atingir os objetivos pretendidos. Que procurem respostam, que procurem ajuda, porque “temos uma filha com necessidades especiais, somos muito orgulhosos dela, muito mesmo. Todos os dias achamos que a sofia nos veio tornar pessoas melhores” (¶39).

Claro que as famílias passam por todas as fases de negação, mas depois tem de haver um momento em que é necessário focar a atenção no desenvolvimento das ações necessárias para responder as necessidades e dificuldades da criança. “há dias muito complicados, mas eles compensam-nos muito, muito, muito, muito, porque as crianças especiais são mesmo especiais, não há dúvida e a nossa filha é assim” (¶42). Ela tem direitos e por isso cabe a família zelar por eles.

A mãe aponta como sugestão que os profissionais sejam sempre muito sinceros com a família, pois a mãe considera isso uma premissa importante, pois o profissional até pode não conseguir “acompanhar o caso, mesmo que peguem no caso, passado algum tempo virem que não está a dar resultado e que não conseguem dar saída, sejam sinceros com os pais e depois fica ao critério dos pais continuar ou não” (¶47). Porque a mãe da Sofia refere que não ver resultados positivos da evolução durante um longo período de tempo, acabam por desmoralizar as famílias pois acham sempre que está relacionada com a sua filha e não com o profissional, o que ocorreu no seu caso pessoal. A mãe sabe que os profissionais não são obrigados a conseguir ser especialistas em todas as áreas, mas devem ser sinceros sobre as suas limitações.

A “dica mais fundamental que posso dar a qualquer terapeuta, é que haja diálogo com os pais, com a criança e que ajudem, que orientem para trabalhar em casa, porque só assim é que se pode ver mais evolução e ajudar a criança.” (¶52).

De seguida, será apresentado um quadro com o resumo dos dados recolhidos da família da Sofia (ver quadro 9).

Quadro 9. *Resumo dos Dados Recolhidos da Família da Sofia*

Família	Sofia
Caracterização	Agregado familiar composto por três elementos, os pais e a menina. Foram encaminhados para a ELI pelo contexto escolar.
Importância	É importante, até porque funcionam como equipa para ajudar a criança. E todos devem estar em sintonia para promover o desenvolvimento da criança. É importante a comunicação e colaboração entre todos os envolvidos.
Participação	Através da marcação de reuniões entre todos os intervenientes. A troca de dicas e métodos de realização das tarefas. A comunicação da equipa. Os profissionais pedem a opinião e ideias da família.
Fatores positivos	A relação criada entre a criança e o profissional. A disponibilidade do profissional para ajudar e apoiar a família. A comunicação de estratégias que a família pode utilizar em contexto familiar para ajudar na evolução da criança.
Dificuldades	A falta de diálogo e de disponibilidade dos pais para colaborar.
Recomendações	Colaboração entre todos os envolvidos no processo de apoio. Quer o melhor para a criança, pois assim todos conseguem colaborar e participar. Os pais aceitem as necessidades e dificuldades dos filhos. A família disponibilizar-se a participar no processo de apoio. A sinceridade dos profissionais. o diálogo entre os profissionais e a família.

Mãe do Gustavo

Caracterização

O agregado familiar do Gustavo é composto pelos pais e uma irmã mais velha.

A mãe refere que por volta do ano e meio, começou a aperceber-se de algumas alterações de comportamento do Gustavo e falou com a Pediatra, que achou que ainda era cedo e era melhor esperar pela consulta dos 2 anos. Aí na consulta dos 2 anos ao avaliar o Gustavo verificou que ele tinha algumas características e que gostaria que ele fosse avaliado por uma colega a Dr.^a F. Foi nesse contato com a Dr.^a F, que tiveram conhecimento da ELI e que foram encaminhados para este apoio. Entretanto, como

o apoio da ELI não se podia iniciar tão rápido como a família desejava, o Gustavo iniciou apoio em Terapia da Fala. Depois iniciou Integração Sensorial, foi integrado no Jardim de Infância e o apoio da ELI.

Importância

A mãe do Gustavo considera importante a colaboração entre pais e profissionais. E que para isso é importante os pais perceberem e entenderem tudo o que se relaciona com os filhos. Para isso é importante que os profissionais expliquem o porquê das atividades que o filho necessita de realizar para evoluir. E que o trabalho conjunto é fundamental, “eu acho que sem o trabalho, não há, não há, há sucesso, eu acho que não há tanto sucesso” (¶18).

Outro fator importante, é a articulação entre todos os profissionais que apoiam a criança e a sua família e para que assim a informação também seja partilhada com a médica que acompanha o caso.

Participação

A colaboração dos pais é promovida desde o início, até pela necessidade de partilha de informações, por exemplo “que tipo de coisas é que o Gustavo gostava” (¶22), como era o seu comportamento, o que fazia para o acalmar, ou seja para conhecerem o Gustavo.

Refere ainda que as suas ideias e opiniões são respeitadas pelos profissionais e até considera que os profissionais terem o feedback dos pais é benéfico.

Fatores positivos

A mãe considera que o conhecimento, a informação o perceberem o que é desenvolvido com os seus filhos influenciam a colaboração entre pais e profissionais.

Por isso é importante que os pais percebam o trabalho que esta a ser desenvolvido e que as vezes aquilo que eles consideram que o que a criança esta a fazer “para eles aquilo não é trabalho, mas nem imaginam se calhar a conquista que é, um miúdo conseguir fazer” (¶32).

Dificuldades

A falta de informação ou informação deturpada. O facto dos Médicos nem sempre valorizarem determinados aspetos ou não explicarem aos pais a importância desses mesmos aspetos. “e também nunca ninguém diz porque é que é importante sinalizar” (¶34).

Recomendações

A mãe considera que a IP deveria “ser generalizada” (¶44), ou seja, que deveria ser feito sempre uma espécie de “pré-triagem” (¶44) com todas as crianças e que o ensino pré-escolar deveria ser obrigatório, pois a mãe acredita que se o Gustavo frequentasse uma “pré-escolar me tinham alertado mais cedo, não estou a dizer que foi tarde” (¶58), apesar de considerar que desde muito cedo procurou respostas é fundamental a informação. Bem como, apesar de considerar que os profissionais, nomeadamente no contexto escolar fazem um ótimo trabalho nem sempre depois refletem sobre os resultados obtidos pelas crianças, não valorizando determinados aspetos. Por vezes os profissionais focam-se demasiado nos parâmetros motores e esquecem os comportamentais.

As equipas serem constituídas por profissionais de diversas áreas profissionais é também um fator importante.

É importante que haja já “uma maior comunicação” (¶75) entre todos os profissionais, bem como uma boa articulação entre todos os intervenientes no processo de intervenção da criança. Nunca esquecendo que por vezes as famílias não sabem “o que é que é expectável para uma criança” (¶84) e que por isso as famílias necessitam de ser elucidadas sobre o desenvolvimento esperado para as crianças.

De seguida, será apresentado um quadro com o resumo dos dados recolhidos da Família do Gustavo (ver quadro 10).

Quadro 10. *Resumo dos Dados Recolhidos da Família do Gustavo*

Família	Gustavo
Caracterização	Agregado familiar composto por quatro elementos. Foi encaminhado para a ELI pela médica.
Importância	O trabalho conjunto é importante. É importante que os pais percebem e entendam tudo o que se relaciona com os seus filhos. Que os profissionais elucidem os pais. A articulação entre todos os intervenientes é fundamental.
Participação	É promovida desde o início do processo, até pela partilha de informações da família com o profissional. O serem respeitadas pelos profissionais.
Fatores positivos	O conhecimento, a informação e perceberem o trabalho que é desenvolvido com o seu filho.
Dificuldades	A falta de informação ou a informação deturpada. A desvalorização de algumas dificuldades pelas equipas medicas. O não perceberem a importância da sinalização.
Recomendações	A IP deveria ser generalizada a todas as crianças. O ensino pré-escolar ser obrigatório. As equipas serem constituídas por profissionais de diversas áreas. Que utilizem uma boa comunicação entre todos. Elucidar as famílias sobre os marcos desenvolvimentais.

Mãe do Guilherme

Caracterização

O Guilherme é acompanhado pela ELI do distrito de Braga acerca de 12/18 meses, tendo sido encaminhado pela Dr.^a F. pediatra.

O agregado familiar é composto por três elementos, os pais e a criança.

Apresenta um diagnóstico de Atraso de Desenvolvimento, sendo acompanhado em diversas especialidades, como ediatría, Oftalmologia, Médico de Família, Fisioterapia, Osteopatia, Terapia Ocupacional e Terapia da Fala.

Importância

A mãe do Guilherme considera bastante importante esta colaboração pais/profissionais. Pois é essencial “para nós sabermos também como ajudá-lo em casa, porque só a terapia não chega, só a ELI estar aqui já faz muito, mas não chega nós também temos que trabalhar com ele em casa” (¶4).

Participação

A mãe refere que a colaboração é promovida através de reuniões e pelas trocas de informações com os profissionais. Bem como, pela importância das estratégias que são passadas aos pais.

Outro dos fatores é a sua opinião ser ouvida pelos profissionais atendendo assim as suas necessidades e preocupação e pela ajuda que os profissionais nos dão com os nossos filhos.

Fatores positivos

A mãe considera que aprende sempre com os profissionais que acompanham o seu filho, e que “às vezes até me ponho na Internet para ver como é que tenho que fazer para o ajudar melhor” (¶11) e depois esclarece as suas dúvidas com os profissionais. E que estes sempre a ajudarem a melhorar, apoiando em tudo aquilo que a família mais necessita.

Dificuldades

A mãe não refere qualquer dificuldade neste processo.

Recomendações

A mãe refere que melhorar é difícil, pois considera que já tudo é feito pelo bem do seu filho por parte de todos os profissionais que o acompanham, a mãe refere que “já estou em boas mãos” (¶15). Mas dá muita importância a todo o apoio e suporte que tem recebido.

A mãe do Guilherme refere que é importante “ter muita coragem, porque isto não é fácil para qualquer pai” (¶19), mas que as evoluções que vão observando é uma fonte de alento para continuar.

Aos profissionais é que “vão ver o caminho que estas crianças dão, porque eles dão muito amor e carinho. Todas elas dão” (¶19) e que “é genuíno trabalhar com estas crianças, é mesmo muito bonito” (¶21).

De seguida, será apresentado um quadro com o resumo dos dados recolhidos da família do Guilherme (ver quadro 11)

Quadro 11. *Resumo dos Dados Recolhidos da Família do Guilherme*

Família	Guilherme
Caracterização	Agregado familiar composto por três elementos, os pais e o Guilherme. Foi encaminhado para a ELI pela médica.
Importância	A mãe refere que a colaboração é de extrema importância, para que os pais possam continuar o trabalho desenvolvido pelos profissionais em contexto familiar.
Participação	É promovida através das reuniões, trocas de informação entre pais e profissionais. Pela importância das estratégias transmitidas. O fato dos profissionais atenderem as necessidades e preocupações das famílias.
Fatores positivos	Os profissionais esclarecem as dúvidas apresentadas pela família. A ajuda para melhorar, apoiando em tudo aquilo que a família mais gosta.
Dificuldades	A mãe considera que não existem fatores que dificultam a colaboração.
Recomendações	A importância de todo o apoio e suporte que tem recebido por parte dos profissionais. A coragem para os pais enfrentarem as dificuldades. As evoluções são fonte de alento. Que os profissionais vão observar e receber todo o amor e carinho que esta criança oferecem. Que é muito bonito trabalhar com estas crianças.

Mãe do Marco

Caracterização

O Marco tem quatro anos, é filho de pais separados, com guarda partilhada, estando assim, uma semana em casa de cada progenitor. Sendo que o seu agregado é composto pela mãe, o Marco e um irmão mais velho.

O encaminhamento foi efetuado pela Educadora I. que achava que ele apresentava um atraso em termos de fala, entretanto ao mudar de sala na Jardim de Infância a Educadora teve a mesma opinião. Assim, foi encaminhado para a ELI e após a avaliação foi solicitado que inicia intervenção em Terapia da Fala e Terapia Ocupacional. No entanto, este processo de pedido de apoio à Segurança Social atrasou-se devido ao processo de divórcio dos pais.

Importância

A mãe do Marco considera fundamental esta colaboração, pois apesar dos pais tentarem fazer o melhor nem sempre consegue e ter o apoio de alguém especializado que o possa acompanhar e apoiar nas suas dificuldades é essencial, é “sempre bom ter uma opinião de alguém que entende” (¶8), pois “por mais que os pais queiram fazer um ótimo trabalho, falham sempre em alguma coisa” (¶8).

Participação

A mãe do Marco refere que sempre que lhe é possível participa em todos os momentos. A mãe refere que está presente “nas reuniões, sempre que pode. Em casa com ele, não é! Tento sempre vir as reuniões ou marcar sempre as reuniões. Tento mudar, ajudar, não é! Ajudar para que ele mude, para que consiga continuar o trabalho das terapeutas em casa” (¶12).

A mãe refere ainda como elemento fundamental de colaboração a exposição de ideias e opiniões de ambas as partes. Pois considera importante receber o feedback sobre as suas dúvidas e/ou opiniões. Que é positivo ouvir as ideias e as ajudas que os profissionais dão, pois, a ideia dos pais nem sempre está correta e que os profissionais sempre a ajudaram em tudo.

Fatores positivos

A mãe do Marco refere que é importante para a família que o profissional possa ser flexível em termos de horário. Este fator tem sido importante para a família, pois, por exemplo, as reuniões “é sempre avisado com antecedência e um dia que possa, não é, tem de ser hoje e, é hoje e já esta” (¶20). A oportunidade de preferir um determinado dia e hora é um fator facilitador.

Dificuldades

A mãe do Marco não identifica nenhum fator que dificulte a participação da família na IP.

Recomendações

A mãe do Marco refere que é difícil melhorar os níveis de colaboração pois os horários laborais em conjunto com toda a rotina diária dificultam este aumento de colaboração. Pois no pouco tempo que passa com os filhos eles também querem fazer outras atividades.

Para os poder acompanhar mais seria necessário ter outro tipo de horário laboral.

Ainda neste sentido, a mãe refere que para melhorar os níveis de colaboração era ter oportunidade de ter outro tipo de horário, pois os profissionais “fazem um trabalho excelente quando estão” (¶32) com as crianças.

Na opinião da mãe do Marco “basta ter calma e pensar sempre que eles vão estar em boas mãos, pessoas que estudaram para isso, pessoas que sabem o que estão a fazer. Ouvir sempre essas pessoas” (¶42) e tudo irá decorrer da melhor maneira possível.

De seguida, será apresentado um quadro com o resumo dos dados recolhidos da família do Marco (ver quadro 12).

Quadro 12. *Resumo dos Dados Recolhidos da Família do Marco*

Família	Marco
Caracterização	O Marco é filho de pais separados, com guarda partilhada. O seu agregado familiar é composto por um dos progenitores e um irmão mais velho. O encaminhamento para a ELI foi pelo contexto escolar.
Importância	A mãe considera fundamental esta colaboração, pois os pais tentam sempre o melhor pelos seus filhos e o apoio profissional é muito importante. O apoio para ultrapassar as dificuldades é fundamental.
Participação	Através de reuniões em que lhe é de alguma forma facilitado os horários das mesmas. Continuam o trabalho dos profissionais em contexto familiar. A colaboração mediante a exposição de ideias e opiniões de todos os intervenientes na intervenção.
Fatores positivos	O profissional ser flexível nos seus horários.
Dificuldades	A mãe não refere nenhum fator que dificulte a colaboração.
Recomendações	A mãe refere que é difícil melhorar os níveis de colaboração, devido aos horários laborais, pois para poder colaborar mais no processo de apoio era necessário ter outro tipo de horário laboral. Porque da parte dos profissionais estes já fazem um excelente trabalho. Ter calma e acreditar que estão a ser bem acompanhados pelos profissionais, pois eles sabem como nos acompanhar.

Mãe do Mário

Caracterização

O agregado familiar do Mário é composto por quatro pessoas (pai, mãe e um irmão mais velho). Aos dois anos o Mário ainda não falava, a família procurou apoio junto da sua Médica de Família, que depois encaminhou o caso para a Pediatra. Depois a Pediatra encaminhou o Mário para intervenção em Terapia da Fala e Psicologia. Usufruindo neste momento da intervenção de Terapia da Fala e Terapia Ocupacional.

É também acompanhado pela ELI há dois ou três anos. A mãe refere que as suas dificuldades é “só mesmo fala” (¶8).

Importância

A mãe do Mário considera importante a colaboração entre os pais e profissionais, até para que os pais possam ter um apoio que “possa explicar aquilo que a gente tem de fazer com os nossos filhos e ajudá-los da melhor maneira” (¶12).

Participação

A mãe do Mário refere que lhe é solicitado que participe nas reuniões, no sentido de entender de que forma está a decorrer todo o processo, quais as evoluções demonstradas e o que é necessário fazer para atingir os objetivos pretendidos. E ainda questionada sobre “o que é que a gente acha” (¶22) “onde é que ele tem mais dificuldades” (¶22) e assim, tanto os pais com os profissionais expõem as suas ideias e opiniões de forma a chegar a um objetivo comum.

São ainda mantidos contactos telefónicos no sentido de partilhar pequenas informações como por exemplo “elas ligam para dizer como é que ele esteve, como é que estão a andar as coisas” (¶24).

Fatores positivos

A mãe do Mário refere a importância da passagem da informação dos profissionais para os pais, por exemplo a mãe diz “que agora já não tem as terapias e elas deram-nos um papel. Deu-me um papel para continuar em casa aquilo que fazia” (¶32).

De ressaltar que a mãe do Mário revela que é necessário ter muita paciência e acima de tudo tentar fazer o melhor para ajudar a criança.

Que os profissionais continuem a desempenhar as suas funções da melhor maneira. Pois estou muito contente com os profissionais que acompanham o meu filho, pois ele demonstrou grande evolução.

Dificuldades

A mãe do Mário não identifica nenhuma dificuldade que interfira na sua participação.

Recomendações

A mãe do Mário não refere nenhuma sugestão pois considera que “a maneira que eles fazem é muito positiva” (¶36), não tendo assim nada a apontar.

De seguida, será apresentado um quadro com o resumo dos dados recolhidos da família do Mário (ver quadro 13).

Quadro 13. *Resumo dos Dados Recolhidos da Família do Mário*

Família	Mário
Caracterização	Agregado composto por quatro elementos, pai, mãe, um irmão mais velho e o Mário. O encaminhamento para a ELI foi pela pediatra.
Importância	A mãe considera importante, nomeadamente para que os profissionais orientem os pais sobre o que é mais importante para o filho.
Participação	Através da participação nas reuniões. Explicando-lhes tudo o que é relacionado com o processo. Na identificação de todo o que é importante desenvolver. Solicitando as suas ideias e opiniões. Mantendo contato telefónico para partilhar informações.
Fatores positivos	A passagem de informação dos profissionais para os pais. Ter muita paciência e fazer o melhor para ajudar a criança. Que os profissionais continuem a desempenhar as suas funções da melhor maneira.
Dificuldades	A mãe não refere nenhum fator que dificulte a colaboração.
Recomendações	A mãe refere que não tem nenhuma sugestão pois o trabalho desenvolvido pelos profissionais é muito positivo.

Mãe da Lara

Caracterização

O agregado familiar da Lara é composto por três elementos, sendo a Lara e os pais. A mãe está neste momento grávida do segundo filho. A Lara tem neste momento três anos.

A Lara iniciou acompanhamento na ELI com menos de um ano, pois foi encaminhada para uma consulta de desenvolvimento com a Dr.^a F, que desencadeou este acompanhamento. Após a avaliação pela equipa, iniciou pela massagem ao bebé, quando completou um ano terminou a massagem ao bebé. De seguida fez a transição da enfermeira para uma educadora e após um ano mais ou menos, fez a transição para a Terapeuta da Fala “que era o que nos mais precisávamos” (¶14).

Importância

A mãe da Lara considera importante esta colaboração, referindo “que se não estivéssemos presentes nas sessões que seria um bocadinho difícil de lidar com a criança” (¶14), favorecendo também que as sessões decorram em contexto domiciliário o que promove uma maior colaboração e interajuda entre pais e os profissionais, participando em conjunto nas tarefas pretendidas pelo profissional.

Participação

A mãe da Lara refere que participa no processo de apoio da filha, desde a avaliação até a participação ativa nas atividades desenvolvidas pelo profissional.

Outro fator muito importante é todo o acompanhamento e ajuda na resolução das prioridades sentidas pela família, quando o profissional ensina “várias técnicas para nós conseguirmos que ela comece a alimentar-se” (¶22), pois a grande preocupação da família prendia-se com a alimentação pois não conseguiam fazê-lo.

Fatores positivos

A mãe considera fundamental o apoio em domicílio pelo facto de assim ser possível manter a criança no seu ambiente diário.

Dificuldades

A mãe refere que apesar do contexto domiciliário ser o mais favorável também tem aspetos negativos, como o facto da criança quando não quer participar nas atividades/tarefas que lhe são solicitadas “refugia-se em nós e acho que as vezes isso prejudica um bocadinho o estarmos presentes” (¶30). No entanto, não refere nada que dificulte a participação da família em todo o processo.

Recomendações

A mãe considera que seria importante os profissionais terem um menor número de casos, pois “o tempo delas realmente torna-se curto, para se dedicarem a tantas crianças” (¶34). O ideal era haver mais profissionais nas equipas.

A mãe refere que não sente que a filha seja prejudicada, “pelo contrário eu sempre achei que o tempo que elas dedicam a minha filha que é fantástico e temos visto progressos muito grandes” (¶38).

É importante referir que o trabalho não se centra apenas nos profissionais, os pais têm de ser colaborantes pois o trabalho é “acima de tudo dos pais” (¶42). Os profissionais têm um papel importante, mas a família tem “de fazer o trabalho de casa, todos os dias, que é o mais importante” (¶44).

A mãe refere que gostava principalmente que a equipa fosse constituída por mais profissionais para que assim estes pudessem dedicar mais horas de apoio a cada criança com que intervêm.

Outra das sugestões é que os profissionais estabeleçam uma relação próxima com a criança, para que se consiga “ter um trabalho de excelência” (¶54). Até “porque as crianças, elas são dadas aos afetos e precisam mesmo de uma relação mais próxima” (¶56).

De seguida, será apresentado um quadro com o resumo dos dados recolhidos da família da Lara (ver quadro 14).

Quadro 14. *Resumo dos Dados Recolhidos da Família da Lara*

Família	Lara
Caracterização	O agregado familiar é composto por três elementos. O encaminhamento para a ELI foi através da Pediatra de Desenvolvimento
Importância	A mãe considera fundamental esta colaboração, bem como as sessões decorrem em contexto domiciliário.
Participação	Participando em todo o processo de apoio desde a avaliação até a participação ativa no desenvolvimento das atividades. Através do acompanhamento e ajuda na resolução das necessidades identificadas pela família.
Fatores positivos	O desenvolvimento do apoio em contexto domiciliário para que a criança possa desenvolver as atividades no seu contexto habitual.
Dificuldades	O fato de no contexto domiciliário por vezes as crianças poderem servir-se dos pais para não executar as tarefas pretendidas.
Recomendações	Os profissionais ter um menor número de casos em acompanhamento. E que os pais têm de ser membros ativos em todo o processo de apoio, pois este processo não depende só dos profissionais. Que a equipa fosse constituída por mais profissionais. Que os profissionais estabeleçam uma relação próxima com as crianças, pois estas apreciam os afetos.

Mãe do Fernando

Caracterização

O agregado familiar do Fernando é composto por quatro elementos, os pais e um irmão mais velho.

É acompanhada pela ELI há dois anos, tendo sido encaminhada pela pedopsiquiatra. A mãe não conhecia a existência da ELI, mas foi um local onde lhe explicaram muitas coisas e a ajudaram no sentido de o Fernando ter o melhor acompanhamento possível, “na ELI encontrei essa ajuda, explicaram-me o que são as coisas, como fazer as coisas” (¶2).

Importância

A mãe considera importante a colaboração entre pais e profissionais, principalmente no que diz respeito a informar as famílias, “porque nós não sabemos nada, tanto a nível de leis, como devemos, o que podemos fazer para o ajudar.” (¶12). Porque os pais muitas das vezes não sabem o que fazer e precisam de quem os oriente.

A mãe considera importante que haja articulação entre todos os intervenientes no processo de apoio de forma a estarem focados na criança e todos saberem “o que se passa com ele, tanto em casa como na escola, como nas terapias. O que ele evolui, o que não evoluiu, as necessidades dele.” (¶13), todos devem ter acesso a toda a informação relacionada com a criança.

Participação

A mãe refere que mantém um contacto sempre que necessário com a profissional da ELI que acompanha o Fernando. Foi elaborado um plano onde também consta o que a família desenvolve com o Fernando.

A mãe refere que só a educadora do Fernando é que tem dificuldade em aceitar as suas opiniões, pois é a única que não concorda com o diagnóstico que o Fernando apresenta. A educadora é de opinião “que o Fernando tem maus hábitos. Adquiriu maus hábitos em casa e transporta isso para a escola” (¶24). No entanto, está é uma opinião isolada e a mãe refere que se sente apoiada por todos os profissionais que acompanham o Fernando.

Fatores positivos

A mãe refere que o principal fator que influencia a sua participação, foi todo o apoio que recebeu por parte do profissional da ELI responsável pelo caso do Francisco, bem como toda a informação disponibilizada. Pois para a mãe foi importante toda a informação que a profissional lhe deu no sentido de responder a todas as suas necessidades e dificuldades do seu filho, aliás a mãe refere que esta “foi fundamental nisso” (¶31).

A mãe diz que tem noção que o profissional da ELI só não faz mais porque não lhes é possível, porque tem “um serviço limitado, mas dentro dessas limitações que a ELI tem, para as pessoas, para as técnicas que há, não é. Fazem um bom trabalho” (¶37).

Dificuldades

A mãe não refere nenhum fator que tenha dificultado a sua colaboração.

Recomendações

A mãe considera importante que existissem mais formações para os pais, “deveria haver formação para os pais na maternidade de Déficit de Integração Sensorial” (¶47).

A mãe refere ainda que sabe que “há pais que não se interessam” (¶52), mas que acha importante os pais terem acesso a toda a informação, por isso a mãe do Fernando procura formação no sentido de o poder apoiar da melhor forma.

A mãe referiu uma sugestão, que os profissionais façam “o seu trabalho com dedicação e amor. E olhe para as crianças como crianças” (¶58).

De seguida, será apresentado um quadro com o resumo dos dados recolhidos da família do Fernando (ver quadro 15).

Quadro 15. *Resumo dos Dados Recolhidos da Família do Fernando*

Família	Fernando
Caracterização	O agregado familiar é composto por quatro elementos. O encaminhamento para a ELI foi feito pela pedopsiquiatra.
Importância	A mãe considera importante a colaboração, e a transmissão de informação. A articulação entre todos os intervenientes no processo.
Participação	Mantendo um contacto próximo família / profissional. Na elaboração do plano de intervenção para a criança e desenvolvendo as atividades solicitadas.
Fatores positivos	Todo o apoio que recebeu por parte dos profissionais. E a informação disponibilizada pelo profissional.
Dificuldades	A mãe não refere nenhum fator que dificulte a colaboração.
Recomendações	A existência de mais formação para pais. O acesso a toda a informação possível. Que os profissionais desenvolvam o seu trabalho com toda a dedicação e amor, olhando sempre para as crianças como crianças.

Seguidamente será apresentada uma síntese das perspetivas dos profissionais e das famílias para as cinco categorias (ver quadro 16).

Quadro 16. *Síntese das Perspetivas dos Profissionais e das Famílias*

Categoria	Profissionais	Famílias
Importância	Todos consideram fundamental; Permite aprender em conjunto; Definir necessidades e expectativas; Compreenderem-se e transmitir ideias e estratégias;	Todos consideram fundamental; Funcionar em equipa; Transmissão de informação; Possibilitar a continuidade do apoio; Ultrapassar as dificuldades;
Participação	Encontrar momentos de partilha, como reuniões e telefonemas;	Através de reuniões e partilha de informações;
Fatores Positivos	O envolvimento da família no processo; As evoluções demonstradas; Transmissão de estratégias;	A disponibilidade do profissional; O conhecimento do processo; Transmissão de informações;
Dificuldades	A falta de tempo/disponibilidade; O número de casos em acompanhamento; Estado emocional da família;	A falta de disponibilidade; A pouca informação;
Recomendações	Organizar mais momentos de partilha; Horários mais flexíveis; O número de casos em acompanhamento; Envolver constantemente as famílias no processo de apoio.	Diálogo entre profissionais e famílias; Maior disponibilidade da família; A família ser um membro ativo no processo; Alteração dos horários laborais; Acesso a toda a informação possível;

Capítulo V – Discussão dos Dados

No presente capítulo será realizada a interligação entre as perspetivas dos profissionais e das famílias que participaram na investigação, referindo os respetivos pontos em comum e as diferenças mais importantes. Após esta análise será efetuada, a sua discussão tendo em consideração a bibliografia pesquisada.

Para uma maior compreensão global dos resultados deste estudo, a apresentação será realizada cruzando as perspetivas dos vários participantes atendendo às cinco categorias definidas neste estudo (importância, participação, fatores positivos, dificuldades e recomendações).

Importância

Todos os participantes são unânimes em reconhecer a importância da colaboração entre pais e profissionais, mencionando vários fatores, entre eles que esta colaboração permite aprender em conjunto. Graçal, Teixeira, Lopes, Serrano e Campos (2010), referem que a relação criada entre a família e os profissionais que os acompanham interfere diretamente no desenvolvimento da criança.

Segundo Perin (2010), a colaboração da família é fundamental, sendo que estes devem ser parte integrante da equipa que vai intervir com o seu filho e família. A família é o parceiro fundamental da intervenção, funciona como pilar, pois, é a família quem melhor consegue definir as suas necessidades e preocupações. Sendo importante respeitar as expectativas, necessidades, preocupações e dúvidas dos pais, é por isso, imperativo que o profissional se adapte à família. Caldeira, Seixas e Piscalho (2017), defendem que a família é o principal foco de promoção para o desenvolvimento da criança, é necessário ter em atenção as escolhas da família e as suas decisões. Cada família é única, sendo importante respeitar a individualidade de cada um, criança e família, assim o profissional deve ser imparcial nas suas ideias, opiniões e crenças sobre a família (Barbosa, Balieiro & Pettengill, 2012).

Outros pontos mencionados pelos participantes prendem-se com a necessidade de articulação e compreensão mútua, para isso, consideram fundamental manter um contacto próximo com as famílias, nem que a única opção seja o contacto telefónico. Segundo Gomes (2006), manter um contato frequente com as famílias favorece a criação de laços de confiança e empatia entre a família e os profissionais, o que irá potencializar a entajuda entre todos os intervenientes no processo de apoio. Isto favorecerá o sucesso quer na intervenção quer no envolvimento da criança, fomentando a partilha entre todos. Dunst,

Bruder e Espe-Sherwindt (2014), defendem que quanto mais envolvidas as famílias estiverem na intervenção, mais favorecidos estarão os resultados quer das famílias quer das crianças.

A articulação entre todos os intervenientes no processo de apoio permite que todos estejam focados nos interesses da criança. Esta permite ainda que os pais possam continuar o trabalho desenvolvido pelos profissionais em contexto familiar, quando o apoio ocorre em contexto domiciliário a articulação está mais favorecida. A colaboração da família no processo de apoio, faz com que família e profissionais trabalhem para um mesmo fim, sendo que cabe a família delinear as suas necessidades e preocupações face a este apoio, conduzindo assim a intervenção (Gonçalves & Simões, 2010).

A colaboração é a base da intervenção, a criação de um eixo comum entre as ideias e opiniões de todos os intervenientes, em que o profissional deve ser mediador e facilitador no apoio á família. Gronita et al (2016), referem a importância de todos os momentos de partilha de informação, desde o primeiro instante, ou seja, desde o primeiro contacto, sendo por isso fundamental dar as famílias o espaço necessário para que estas transmitam todas as suas preocupações, necessidades e também qual a sua expectativa sobre o trabalho que será desenvolvido em torno da intervenção.

Todos devem estar em sintonia para promover o desenvolvimento da criança, pois o trabalho conjunto é importante. Para isso é fundamental que os pais percebam e entendam tudo o que se relaciona com os seus filhos, assim é de ressaltar a necessidade dos profissionais elucidarem e orientarem os pais sobre o que é mais importante sobre os seus filhos, no sentido de estes providenciarem tudo o que é necessário para que possam ultrapassar as dificuldades.

Segundo Reis (2009), é necessário que todos os intervenientes envolvidos na intervenção se responsabilizem e ajudem, para que assim possam ultrapassar as dificuldades. Para isso é fundamental que ao longo de todo o processo de apoio os profissionais dotem as famílias de todas as informações relevantes sobre o seu filho (Gronita et al, 2016).

Os intervenientes são unânimes em defender a importância da continuidade de desenvolver estudos no sentido de fomentar as práticas e o compreender cada vez melhor os sentimentos experienciados pela família.

Participação

Os participantes são unânimes ao reconhecerem que é importante desenvolver um trabalho de parceria e colaboração entre todos os envolvidos, nunca esquecendo que o foco da intervenção é a família.

Cruz e Angelo (2011), referem que a família é considerada um parceiro no processo de intervenção.

Perin (2010), defende como imprescindível o envolvimento da família no processo de intervenção, ou seja, que estes devem ser parte integrante de todo o processo.

Os profissionais focam a importância de envolver as famílias em todo o processo da intervenção logo desde o primeiro contato, passando pela avaliação, identificação das necessidades e preocupações da família, a planificação da intervenção, a intervenção, a continuidade das atividades pela família e término da mesma. Para que isto aconteça os profissionais referem que as famílias devem ser sensibilizadas para participar, pois quando orientadas e sensibilizadas tornam-se participantes ativos no processo de intervenção. Segundo, Brandão e Ferreira (2013), a família apresenta um papel fundamental no seio da intervenção, pois são eles quem melhor define as necessidades e evoluções, bem como sendo um participante ativo no desenvolvimento das atividades propostas pelos profissionais.

Cruz e Angelo (2011), defendem que mais facilmente se atingem os objetivos da intervenção, não descorando as necessidades da família e criança, quando os profissionais conseguem que a família se envolva em todo o planeamento do apoio prestado.

Outro fator importante, prende-se com a disponibilidade do profissional para com a família, fomentando uma ligação próxima com a família, transmitindo toda a informação relevante para a família.

Cruz e Angelo (2011), referem que é importante criar uma ligação com a família, é por isso importante que o profissional disponibilize tempo para fomentar esta ligação, pois assim mais facilmente verá quais as necessidades, expectativas e prioridades da família, o que promove um planeamento mais ajustado para a criança e família.

Os participantes reconhecem alguns fatores que interferem na participação das famílias na intervenção, nomeadamente no encontro de momentos de partilha entre profissionais e famílias, definição de estratégias, esclarecimento de dúvidas apresentadas pela família, dando resposta às suas necessidades e preocupações, e transmitindo dicas e estratégias que possibilitem à família dar continuidade em contexto familiar às atividades desenvolvidas pelos profissionais. Contactos frequentes,

e quando por algum impedimento não seja possível realizar um contacto presencial, utilizar outras formas como o recurso ao contacto telefónico, e-mail, caderno, sebenta ou reajuste de horários, fomentando assim um contato próximo e frequente.

Graçal, Teixeira, Lopes, Serrano e Campos (2010), defendem que a relação estabelecida entre os intervenientes no processo de intervenção, nomeadamente os profissionais e as famílias, está diretamente relacionada com o desenvolvimento das crianças.

O agendamento de reuniões é importante no sentido de, em parceria, serem elaborados os objetivos e planos de trabalho, transmitindo estratégias, ideias e opiniões. Sendo importante flexibilizar os horários para este agendamento de forma a facilitar a presença das famílias, bem como de todos os elementos da intervenção, fomentando assim a transmissão de ideias e opiniões de todos os intervenientes, desenvolvendo a comunicação da equipa.

Outro fator, referido pelos participantes refere-se ao desenvolvimento da intervenção em contexto domiciliário pois favorece um contacto mais frequente com as famílias, bem como a planificação da intervenção e atividades e a transmissão de estratégias.

Perin (2010), defende que os profissionais devem conhecer o funcionamento do contexto familiar, recorrendo por exemplo às visitas ao contexto domiciliário, para assim poder aconselhar sobre algumas mudanças.

Outro dos aspetos referidos, é a colocação em prática das leis que permitem aos pais com filhos com necessidades especiais usufruir de um horário laboral mais flexível, aumentar o número de profissionais afetos à equipa, a diversificação das áreas de especialização dos elementos da equipa, avaliação do trabalho desenvolvido pelas equipas, bem como, as equipas terem acesso ao trabalho científico desenvolvido.

Perin (2010), defende que o envolvimento da família, promovendo um trabalho conjunto entre todos os intervenientes é um pilar fundamental para o desenvolvimento da criança, fomentando o desenvolvimento e aumento das suas competências.

Fatores positivos

Um dos focos da investigação prende-se com a definição dos fatores que promovem a participação das famílias, assim, quando questionados os participantes referem alguns aspetos que facilitam esta participação.

Alguns dos aspetos prendem-se desde logo com a construção do próprio modelo de intervenção, o respeito pelo código de ética e deontológico do profissional. Gomes (2006), concluiu que a disponibilidade, empenho e forma de desenvolver as atividades que os profissionais depõem nos casos em que acompanham, refletem-se automaticamente nos mesmos, não podendo descurar o seu papel enquanto profissionais e a forma como interagem com a família, no sentido de ajudar as famílias a ultrapassar as suas dificuldades.

Os participantes referem que é importante o envolvimento de todos os intervenientes no processo de intervenção, pois este envolvimento origina um maior sucesso da mesma intervenção. Sendo que, quando a família demonstra querer fazer parte do processo, faz com que o profissional também se sinta mais envolvido. Assim, o conhecimento mútuo de pais e profissionais é importante, pois quanto mais os pais participam, melhor o profissional conhece a criança e a família. Brandão e Ferreira (2013), defendem como pontos essenciais a confiança e o respeito entre todos os intervenientes para um bom desenvolvimento do trabalho entre todos.

Sousa e Piscalho (2016), acreditam que as dificuldades com que as famílias se deparam, são por vezes difíceis de resolver e que lhes deve ser dada toda a informação que lhes confira o desenvolvimento de competências que lhes possibilitem acompanhar os seus filhos, aceitar e resolver estas dificuldades.

Cruz e Angelo (2011), defendem que o envolvimento da família é essencial para a resolução das necessidades da família e criança proporcionando o bem-estar de toda a família. Dunst, Bruder e Espe-Sherwindt (2014), referem que quanto maior é o envolvimento da família no processo de intervenção precoce, mais positivos serão os resultados experienciados pela criança e a sua família, sendo por isso, fundamental capacitar os pais para este envolvimento.

Salvari e Dias (2006), referem que o conhecimento da família e o seu funcionamento, interferem no acompanhamento que será desenvolvido com a família e criança.

Franco e Apolónio (2008), consideram que as famílias reconhecem de que forma o apoio de que usufruíram as ajudou a ultrapassar as dificuldades que existiam, o que beneficia a aceitação da intervenção.

Outro aspeto, também referido prende-se com a disponibilidade dos profissionais para auxiliar as famílias, tendo em consideração as suas necessidades e preocupações. A transmissão de estratégias e informação necessária à família, promovendo a evolução da criança, bem como, o esclarecimento de dúvidas apresentadas pelos pais esclarecendo a família sobre o trabalho que é desenvolvido com o seu

filho. Fontes, Boissel, Veríssimo e Veiga (2011), consideram que a forma como se desenrola a comunicação entre todos os intervenientes, pode beneficiar ou dificultar o desenvolvimento da intervenção.

Franco e Apolónio (2008), concluíram que as famílias valorizam a informação que lhes é passada sobre todo o processo, bem como mais informação sobre o apoio de que podem usufruir, ou seja ter acesso a informação sobre os seus direitos.

Segundo Gronita, Bernardo, Marques e Matos (2008), é importante que a família receba toda a informação relativa ao apoio que se pretende prestar, de forma a definir as necessidades e expectativas que as famílias revelam quanto ao apoio que vão receber.

O fato dos profissionais conseguirem desenvolver uma intervenção atendendo às necessidades e dificuldades evidenciadas pela criança e família. Barbosa, Balieiro e Pettengill (2012), referem que a forma como se dá oportunidade para que a família defina as suas necessidades e dificuldades é muito importante, bem como o respeito pelas crenças, ideias e opiniões próprias de cada família.

A motivação dos pais, que muitas vezes é influenciada pelas evoluções e feedback demonstradas pela criança, ou seja, os resultados da intervenção. A satisfação para com o profissional e a própria intervenção.

As competências dos profissionais, atendendo às suas capacidades facilitadoras, de escuta ativa, de respeito e amor incondicional para com as famílias, beneficia a relação criada entre a criança e o profissional.

Gronita, Bernardo, Marques e Matos (2008), defendem que é importante que a intervenção seja realizada de forma individualizada e pensada para cada família, atendendo às suas necessidades e expectativas específicas.

Haver flexibilidade de horários do profissional, por exemplo para as reuniões, é um facilitador. Segundo, Fontes, Boissel, Verissimo e Veiga (2011), é necessário que os horários sejam mais flexíveis ou que se utilizem outros meios de partilha de informação para que as famílias sintam que podem comunicar mais facilmente.

O desenvolvimento do apoio em contexto domiciliário para que a criança possa desenvolver as atividades no seu contexto habitual.

Barbosa, Balieiro e Pettengill (2012), defendem que é importante que os profissionais façam um esforço para conhecer a família, reconhecendo a sua importância para o desenrolar do apoio, pois o contexto familiar é o local por excelência da potencialização do desenvolvimento da criança.

Em suma, os participantes são unânimes em reconhecer que todo o apoio que recebeu por parte dos profissionais, a forma como estes desempenham as suas funções e a paciência com que desenvolvem tudo o que a criança necessita.

Dificuldades

São várias as dificuldades definidas pelos participantes, desde logo, uma que é referida pela maioria, que reconhece que os horários das famílias e dos profissionais interferem com a disponibilidade para cooperar na intervenção.

A família não se quer envolver no processo, demonstrando pouca disponibilidade para colaborar. Não sendo possível descurar o estado emocional em que as famílias se encontram, pois estas podem estar numa fase de negação, assim como a própria pressão que é exercida sobre a família.

Cabe aos profissionais conseguir reconhecer as necessidades vivenciadas pela criança e a sua família, nos diversos contextos onde se encontram inseridos, de forma a auxiliar e ajudar a família a ultrapassar as mesmas (Barbosa, Balieiro & Pettengill, 2012).

Outro fator, refere-se ao fato das equipas terem um elevado número de casos em acompanhamento sendo para isso importante diminuir o número de casos afetos a cada profissional. Bem como, em apostar mais na formação das equipas, nomeadamente no que se refere as questões burocráticas.

É importante que os profissionais estejam completamente disponíveis para apoiar as famílias e se mostrem disponíveis para respeitar incondicionalmente a família, não fazendo julgamentos sobre as crenças de cada um, apresentando capacidade de ouvir as famílias e de promoverem o desenvolvimento da criança e da família. Informando a família sobre tudo, para que não haja comunicação de informação deturpada, fomentando o diálogo entre todos os intervenientes de forma clara e objetiva, pois por vezes o seu nível escolar, dificulta a compreensão do que lhes é transmitido.

Segundo Perin (2010), o diálogo deve ser uma prioridade, no entanto o profissional é o responsável por compreender as necessidades e preocupações da família, o que provoca o aparecimento de atitudes de maior confiança.

Outra dificuldade sentida prende-se com o facto de ainda existir uma cultura muito clínica, a desvalorização de algumas dificuldades das crianças que não são valorizadas pelas equipas médicas e o facto de não perceberem a importância da sinalização das lacunas apresentadas pelas crianças.

O desenvolvimento do apoio em contexto escolar ao invés do domiciliário, no entanto, o apoio domiciliário também pode ser negativo pois por vezes as crianças podem servir-se dos pais para não executar as tarefas pretendidas. Por outro lado, promove um maior contato entre as famílias e os profissionais.

Recomendações

As participantes transmitem algumas recomendações importantes para fortalecer o envolvimento das famílias na IP, nomeadamente em organizar momentos de reunião com as famílias, proporcionando momentos de partilha, formação, convívios e encontros, conseguindo envolver constantemente as famílias no processo de apoio, respondendo às suas necessidades.

Reis (2009), defende a necessidade de responsabilizar todos os intervenientes, para assim ser possível ultrapassar as dificuldades acreditando num desenvolvimento positivo.

Possibilitar a flexibilidade de horários, que promovam um maior contato entre os intervenientes do processo de intervenção, mostrando sempre disponibilidade para auxiliar em tudo o que seja necessário.

Continuar a refletir sobre todo o processo de apoio e sobre as formas de motivar as famílias a colaborar com o mesmo, demonstrando às famílias a importância de ser participantes ativos em todo o processo de apoio, sendo necessário que exista igual colaboração.

Reis (2009), reconhece a importância da motivação, dos afetos e da interação estabelecida entre todos os intervenientes como um motor fundamental do desenvolvimento do processo de intervenção.

Sendo que os participantes também abordam estas questões como fundamentais, ou seja, a colaboração entre todos os envolvidos no processo de apoio, o saber ouvir as famílias, pois é importante a cumplicidade entre famílias e profissionais. O conseguir aumentar a rede de apoio. É fundamentalmente que os profissionais demonstrem às famílias que, são aceites e compreendidas, desde logo o acolher bem as famílias, demonstrando confiança e respeito.

Uniformizar o trabalho desenvolvido pelas equipas e diminuir o foco de intervenção para a faixa etária 0 – 3 anos. Causar uma mudança de paradigmas focando a intervenção no foco inicial da IP, devendo esta ser generalizada a todas as crianças. As equipas serem constituídas por profissionais de diversas áreas, assim como ser constituída por mais profissionais. E, tornar obrigatório o ensino pré-escolar.

É importante ter em consideração que a IP é um conjunto de serviços e apoios que são prestados a crianças em risco ou com necessidades educativas especiais (NEE), na faixa etária dos 0 aos 6 anos, e também às suas famílias. A IP é uma prática que se destina a promover e potenciar condições de desenvolvimento, que possam garantir a inclusão social quer das crianças quer das suas famílias, sendo que é um projeto internacional que pretende a defesa de oportunidades desenvolvimentais na infância iguais para todas as crianças (Machado, 2012).

Outra recomendação transmitida refere-se à importância da realização da intervenção em contexto domiciliário, oferecendo maior apoio material, emocional e instrumental às famílias. Kellar-Guenther, Rosenberg, Block e Robinson (2014), consideram que a intervenção é facilitada em contexto domiciliário, potenciando o envolvimento das famílias na intervenção.

Definir o que é mais importante para a criança, querer o melhor para a criança, pois assim todos conseguem colaborar e participar. Os pais aceitarem as necessidades e dificuldades dos filhos. A família disponibilizar-se a participar no processo de apoio.

Os profissionais ter um menor número de casos em acompanhamento. O acesso a toda a informação possível. A sinceridade dos profissionais. Promovendo diálogo entre os profissionais e a família. Utilizando uma boa comunicação entre todos os profissionais, articulando adequadamente entre todos os intervenientes. Elucidar as famílias sobre os marcos desenvolvimentais. Souza (2009), defende que não existem receitas mágicas para a criação de uma relação entre famílias e profissionais, pois cada um vivencia a sua própria realidade, no entanto, é necessário que apesar das suas diferenças criem um diálogo que possibilite a elaboração do processo de apoio em parceria, o diálogo pode ser o primeiro passo para uma parceria de sucesso.

A coragem para os pais enfrentarem as dificuldades, não esquecendo que as evoluções demonstradas pelos seus filhos são fonte de alento. Sousa e Piscalho (2016), referem que as famílias reconhecem que o apoio que lhes é prestado ultrapassa todas as suas expectativas, respeitando as suas necessidades e preocupações.

As famílias referem ainda, que os profissionais vão observar e receber todo o amor e carinho que estas crianças oferecem. Que é muito bonito trabalhar com estas crianças. Sendo por isso importante que os profissionais estabeleçam uma relação próxima com as crianças, pois estas apreciam os afetos.

Que os profissionais desenvolvam o seu trabalho com toda a dedicação e amor, olhando sempre para as crianças como crianças. Perín (2010), refere que os profissionais devem planejar as atividades e rotinas quer em contexto escolar quer familiar pois estas propiciam um ambiente agradável, promovendo assim a aprendizagem por parte da criança, tendo por base a interação com o outro, rodeada de dedicação, amor e paciência.

Ao proceder à recolha dos dados para a investigação é possível verificar que existem opiniões concordantes e outras divergentes entre famílias e profissionais nos aspetos investigados.

Todos são unânimes em reconhecer a importância da colaboração entre os intervenientes (famílias e profissionais) do processo de IP.

Os profissionais consideram as famílias as principais promotoras da intervenção, são eles quem melhor pode definir as necessidades, preocupações e expectativas da criança e sua família.

Todos consideram que devem fazer parte de uma equipa, articulando entre todos os intervenientes no processo. No entanto, os pais consideram ainda, que é importante esta colaboração para que enquanto família possam dar continuidade ao trabalho desenvolvido e assim, ultrapassar as suas dificuldades. Apesar de todos concordarem na importância da participação de todos os envolvidos no processo de apoio, a forma como a encaram diversifica.

Por um lado, os profissionais tentam encontrar diversas formas para promover a participação da família no processo de apoio. Promovendo a sua participação logo desde o primeiro encontro até ao término da intervenção, realizando contactos frequentes quer presenciais (reuniões) quer através de e-mail, cadernos de comunicação ou contactos telefónicos, bem como fazendo reajustes de horários que possibilitem estes contactos. Transmitindo estratégias e toda a informação importante para a família, tendo sempre por base as suas necessidades e expectativas. Ou seja, que os profissionais nunca se esqueçam que a família é a base de toda a intervenção com a criança.

A família refere a importância das reuniões, da transmissão de informação e estratégias, o facilitarem os horários, a promoção de um contacto próximo e a resposta às suas necessidades, preocupações e expectativas.

São vários os fatores positivos que os profissionais e as famílias identificam como importante para a colaboração de todos os intervenientes no processo de apoio.

Os profissionais referem o facto de as famílias quererem fazer parte do processo de intervenção, o que potencia a interação e conhecimento mútuo entre os diversos intervenientes, a partilha de informações e estratégias, pois ninguém consegue transmitir mais informações sobre a criança do que a própria família, bem como, em definir as suas necessidades e preocupações. Outros fatores mencionados referem-se à flexibilidade de horários, disponibilidade dos profissionais e as evoluções demonstradas pelas crianças.

A família refere como principais fatores positivos, a relação/interação existente entre o profissional e a criança, a maneira como lida com a criança. A disponibilidade e flexibilidade de horários dos profissionais. Bem como, a transmissão de informação e estratégias por parte dos profissionais para com a família. O desenvolvimento do apoio em contexto domiciliário, a resposta dada às necessidades e preocupações evidenciadas pela família, em suma, todo o apoio prestado pelo profissional.

Ambos, consideram como fundamental a disponibilidade e flexibilidade em termos de horários, o contacto próximo, nomeadamente na partilha de informação e estratégias.

Em termos de visão, o que mais os distingue centra-se no facto dos profissionais darem ênfase às evoluções apresentadas, já as famílias focam-se no esclarecimento e resposta às suas necessidades e preocupações.

Em termos de dificuldades que comprometem esta colaboração, os profissionais demonstram mais facilidade em reconhecer estes fatores do que as famílias.

Os profissionais mencionam os horários laborais, a falta de tempo e pouca disponibilidade, o elevado número de casos em acompanhamento, as dificuldades em compreender o que lhes é transmitido. As famílias não se querem envolver na intervenção, a crença ainda muito vincada da cultura clínica, ou seja, da intervenção ainda ser muito centrada na criança. Assim como, o estado emocional das famílias.

A formação e competências desenvolvidas pelos profissionais para facilitarem este envolvimento, bem como o apoio na maioria dos casos decorrer em contexto escolar.

Por outro lado, a maioria das famílias não reconhecem fatores que dificultam esta colaboração, reconhecendo apenas a falta de disponibilidade das famílias para colaborar, a falta de informação ou informação deturpada, bem como, a desvalorização de algumas equipas médicas.

Assim, o principal fator definido quer pelos profissionais quer pelas famílias prende-se com os aspetos laborais (horários) e disponibilidade para fomentar esta colaboração entre todos os elementos afetos ao processo de intervenção.

Quanto a recomendações quer os profissionais quer as famílias têm facilidade em definir algumas. Por um lado, os profissionais definem como recomendações a importância de organizar momentos de reunião, partilha, formação e convívio. Horários mais flexíveis e maior disponibilidade. Demonstrar às famílias a importância de serem participantes ativos em todo o processo de apoio. A importância de estabelecer uma boa relação entre todos, apostar na execução do apoio domiciliário, a diminuição do número de casos em acompanhamento por cada profissional e a uniformização das práticas utilizadas.

A família recomenda a colaboração entre todos os envolvidos, que a família se disponibilize para participar na intervenção. Que todos os envolvidos pensem no que é melhor para a criança. A sinceridade e a comunicação entre profissionais e família. O aumento do número de profissionais nas equipas, o apoio da Intervenção Precoce ser generalizada a todas as crianças, bem como, o ingresso no Pré-escolar ser obrigatório.

A importância de os horários laborais serem mais flexíveis, o serem elucidados sobre o desenvolvimento e observarem-se evoluções na criança, mas também as famílias acreditarem que é possível responder e solucionar as suas necessidades e preocupações. Sendo que as famílias enaltecem todo o trabalho e apoio desenvolvido pelas equipas e profissionais pelos quais são acompanhados.

Vários são os fatores coincidentes entre profissionais e famílias, como a necessidade de maior disponibilidade e flexibilidade de horários.

Se os profissionais acreditam que cabe a eles próprios conseguir que as famílias participem e sejam membros ativos no processo de apoio, por outro lado, as famílias enaltecem e agradecem todo o trabalho e apoio que eles e os seus filhos usufruem por parte das equipas, bem como reconhecem todo este apoio. Acreditando que também os seus filhos demonstram não só as evoluções fruto desta intervenção, também ele reconhecido pelo afeto que as crianças demonstram pelos profissionais que com elas intervêm.

Ao longo desta recolha de dados muitos foram os pontos reconhecidos pelos profissionais e pelas famílias, sendo que aqueles que mais são referidos se prendem com a disponibilidade, flexibilidade de horários dos profissionais e das famílias. Bem como, a necessidade de poder usufruir de mais apoio, aumentando o número de profissionais afetos às ELI.

Conclusões

Ao longo do desenvolvimento deste estudo de investigação foi possível aprofundar os conhecimentos sobre a IP, as práticas Centradas na Família, mas também sobre o relacionamento humano, nomeadamente sobre os sentimentos vivenciados pelas famílias e profissionais, que desempenham a sua atividade profissional no âmbito da IP.

Sem dúvida, que a IP tem um papel fundamental no desenvolvimento das crianças e das suas famílias, pois não podemos esquecer a importância fulcral dos primeiros anos de vida ao nível do desenvolvimento da criança, isso levou a que os saberes ao nível da educação, da saúde e da proteção social, fossem ao longo do tempo apostando na pesquisa e estudo de forma a potenciar uma evolução constante, para assim, melhorar constantemente o apoio prestado. Pois, a IP centra-se numa preocupação intencional de intervir no que diz respeito ao desenvolvimento de crianças que apresentam risco de ver o seu desenvolvimento global afetado, pensando assim no presente e futuro da criança, bem como da sua família (Franco, 2007).

Este estudo possibilitou analisar e compreender a importância da colaboração na melhoria dos níveis da participação da família na IP, bem como os fatores que influenciam esse tipo de participação.

Os intervenientes são unânimes em muitos dos pontos fulcrais descritos e identificados pelos mesmos, nomeadamente no que respeita à necessidade da participação de todos os intervenientes, reconhecendo a responsabilidade de todos no decorrer de todo o processo, desde o início até ao seu término. Reis (2009), defende a necessidade de responsabilizar todos os intervenientes, para assim ser possível ultrapassar as dificuldades acreditando num desenvolvimento positivo.

Todos reconhecem a importância do apoio de que usufruem, bem como, se mostram satisfeitos com o mesmo, pois são correspondidas as suas necessidades e preocupações. São criadas ligações positivas entre as famílias e os profissionais o que beneficia o desenvolvimento da criança, beneficiada pela colaboração entre todos os intervenientes pois, todos os participantes são unânimes em reconhecer a importância da colaboração entre pais e profissionais, mencionando vários fatores, entre eles que esta colaboração permite aprender em conjunto. Graçal, Teixeira, Lopes, Serrano e Campos (2010), referem que a relação criada entre a família e os profissionais que os acompanham interfere diretamente no desenvolvimento da criança.

É importante perceber que as relações construídas ao longo de todo este processo, cria um ambiente de confiança e envolvimento interessantes. No entanto, não é possível descurar que ainda existe um longo caminho que é necessário percorrer, pois ainda se verificam muitas dificuldades no que concerne ao envolvimento das famílias no processo de intervenção, dificuldades identificadas não só pelas famílias, mas também pelos profissionais. Mas algumas dessas dificuldades foram mencionadas por todos os participantes, nomeadamente as questões laborais, mais especificamente os horários, apesar de todos tentarem contornar estas dificuldades nem sempre é possível ultrapassá-las.

No entanto, todos são unânimes em reconhecer a importância do desenvolvimento deste apoio e do grande esforço demonstrado por todos para que atinjam os objetivos ansiados pelos intervenientes, nem sempre é fácil conciliar tudo o que é necessário, mas todos referem que a parceria criada é positiva. Muito existe para fazer e foram lançadas algumas recomendações.

Este estudo permitiu reconhecer que o envolvimento de cada um é engrandecido pelo envolvimento conjunto no sentido de alcançar as metas comuns.

A execução e concretização desta investigação possibilitou não só o meu crescimento enquanto profissional, mas também, favoreceu o meu desenvolvimento pessoal. A forma como todos os participantes se disponibilizaram e partilharam as suas ideias e opiniões sobre um tema sensível e que lhes é tão próximo, foi sem dúvida enriquecedor pessoal e profissionalmente.

No entanto, em todo este processo também existiram limitações, desde logo o período temporal estabelecido para a recolha de todos os dados, bem como a análise dos mesmos.

O fato de, por opção das próprias famílias, só as mães terem participado.

Outro dos aspetos prende-se com as questões abordadas nas entrevistas, poderíamos ter incluído outras questões, como que formação achariam pertinente ver desenvolvidas quer para profissionais quer para famílias.

Seria ainda benéfico alargar o estudo não só a Equipas Locais de Intervenção, mas também a profissionais de outras áreas e com outro tipo de respostas. Ainda, auscultar os educadores e auxiliares de ação educativa dos contextos educativos onde as crianças estão inseridas, bem como, elementos chave da comunidade que podem ser parceiros em toda a intervenção.

Assim, surgem algumas das ideias para futuros estudos de investigação relacionados com os fatores promotores de colaboração entre profissionais e famílias.

A importância do contexto escolar e de que forma este contribui para o processo de apoio e colaboração entre todos os intervenientes no apoio da IP.

Que tipo de formação pode ser desenvolvida para os diferentes elementos envolvidos no processo de apoio da IP, tendo como principal objetivo desenvolver competências facilitadoras para fomentar e potenciar a colaboração entre todos os elementos que constituem ou estão diretamente relacionados com o processo de IP.

Todo o desenvolvimento deste processo de investigação foi envolto numa grande vontade de melhor compreender todos os fatores que interferem e se relacionam com o apoio da IP. Todos os dados recolhidos e analisados fizeram com que mudasse a minha prática profissional, no que se refere ao relacionamento com as famílias. Bem como, pensar e analisar tudo aquilo que se relaciona com a intervenção e a forma como são desenvolvidas as interações com as crianças e suas famílias.

Sem dúvida que a participação e desenvolvimento deste estudo fomentou não só a vontade de continuar a aprofundar estes temas/questões, como também, mostrou a necessidade de efetuar algumas mudanças na minha prática profissional.

O desenvolvimento e construção desta Dissertação de Mestrado, foi suscitando vários sentimentos, nomeadamente foi importante para aumentar a necessidade de incluir as famílias em todo o processo de apoio, demonstrando-lhes a importância desta colaboração para solucionar e ajudar a responder às preocupações, dificuldades, dúvidas e expectativas apresentadas pelas famílias e crianças.

Sem dúvida que o trabalho conjunto é um dos maiores promotores do desenvolvimento de todo o processo de apoio.

Referências Bibliográficas

Almeida, I. (2004). Intervenção precoce: Focada na criança ou centrada na família e na comunidade? *Análise Psicológica*, XXII (1), 65-72.

Almeida, I. (2011). A intervenção centrada na família e na comunidade: O hiato entre as evidências e as práticas. *Análise Psicológica*, 29 (1). Lisboa.

Almeida, T., & Grande, C. (2014). Conceito de envolvimento da criança em contexto pré-escolar: Estudo do envolvimento de crianças com e sem necessidades educativas especiais em contextos pré-escolares inclusivos. *Atas do IX Congresso Iberoamericano de Psicologia. 2º Congresso Ordem dos Psicólogos Portugueses*, 1529-1543.

Augusto, H., Aguiar, C., & Carvalho, L. (2013). Práticas atuais e ideais em intervenção precoce no Alentejo: perceções dos profissionais. *Análise Psicológica*, XXXI (1), 49-68.

Bardin, L. (2008). *Análise de conteúdo*. Coimbra: Edições 70.

Barbosa, M., Balieiro, M. & Pettengill, M. (2012). Cuidado centrado na família no contexto da criança com deficiência e sua família: Uma análise reflexiva. *Texto Contexto Enfermagem*, 21(1), 194 – 199.

Bairrão, J., & Almeida, I. (2003). Questões atuais em intervenção precoce. *Psicologia*, XVII (1). 15-29.

Blackman, J. (2003). *Early intervention: an overview. Early Intervention practices around the world*. Baltimore: Paul Publishing H. Brooks.

Brandão, M. & Ferreira, M. (2013). Inclusão de crianças com necessidades educativas especiais na educação infantil. *Rev. Bras. Ed. Esp. Marília*, 19 (4), 487 – 502.

Bogdan, R. C., & Biklen, S. K. (1994). *Investigação Qualitativa em Educação. Uma Introdução à Teoria e aos Métodos*. Porto: Porto Editora.

Borges, C. F. (2006). Aspectos positivos e negativos da IP no domicílio: As perspectivas de profissionais da zona norte de Portugal. *Tese de Mestrado não publicada*. Braga. Universidade do Minho.

Caldeira, Z., Seixas, S. & Piscalho, I. (2017). Intervenção Baseada nas rotinas. *Revista da UIIPS*, 5 (1), 62 – 80.

Campos, C. & Turato, E. (2009). Análise de conteúdo em pesquisas que utilizam metodologia clínico-qualitativa: aplicação e perspectivas. *Latino-am Enfermagem*, 17 (2).

Correia, L. M. (1997). *Alunos com necessidades educativas especiais nas classes regulares*. Porto: Porto Editora.

Correia, L. M. (2013). *Inclusão e Necessidades Educativas Especiais: Um guia para educadores e professores*. Porto: Porto Editora. 2ª Edição.

Correia, M. C., & Serrano, A. M. (2000). *Envolvimento parental em intervenção Precoce - das práticas centradas na criança às práticas centradas na família*. Porto: Porto Editora.

Coutinho, C. (2008). A qualidade da investigação educativa de natureza qualitativa: Questões relativas à fidelidade e validade. *Educação Unisinos*, 12 (1), 5 - 15.

Cruz, A. & Angelo, M. (2011). Cuidado Centrado na família em pediatria: redefinindo os relacionamentos. *Cienc Cuid Saude*, 10 (4), 861 - 865

DeLoatche et al. (2015). Aumento do envolvimento dos pais entre as famílias de início: um estudo de grupo de controle randomizado. *Early Childhood Educ J*, 43, 271 - 279

Decreto-Lei nº 281/2009 de 6 de outubro. Diário da República, n.º 193 – I Série. Ministério da Educação. Lisboa.

Division for early childhood (2014). DEC recommended practices in early intervention/early childhood special education 2014. retrieved from <http://www.dec-sped.org/recommendedpractices>

Dunst, C. J. (1997). Conceptual and empirical foundations of family centered practice. In: R., Illback; C., Cobb; H., Joseph; (org.). *Integrated services for children and families: opportunities for psychological practice*. (pp. 75 – 91). Washington, DC: American Psychological Association.

Dunst, C. J. (2000). Apoiar e capacitar as famílias em Intervenção Precoce: O que aprendemos? In L. M. Correia e A. M. Serrano (orgs). *Envolvimento Parental em Intervenção Precoce: Das práticas centradas na criança às práticas centradas na família*. (pp. 77 – 92). Porto: Porto Editora.

Dunst, C. J., Bruder, M. B. & Espe-Sherwindt, M. (2014). Capacitação familiar na intervenção precoce da infância: contexto e definição de matéria. *School Community Journal*, 24 (1), 37 – 48.

Dunst, C., & Trivette, C. (1994). Aims and principles of family support programs. Em: C., Dunst; C., Trivette; A., Deal, (org.). *Supporting and strengthening families - Methods, strategies and practices*. (pp. 30 – 48) Cambridge: Brookline Books.

Dunst, C., Trivette, C., & Deal, A. (1988). *Enabling and Empowering families: Principles and guidelines for practice*. Cambridge: Brookline Books.

Ebersohn, L.; Ferreira-Prévost, J. & Maree, J. (2007). Exploring facilitation skills in transdisciplinary teamwork. *International Journal of Adolescence and Youth*, 13, 257 – 284.

Espe-Sherwindt, M. (2008). Family-centred practice: collaboration, competency and evidence. *Journal Compilation*, 23 (3), 136 – 143.

Ferreira, I., & Vasconcelos, C. (2015). Educação Parental e Intervenção Precoce - duas dinâmicas na redução de riscos. *Aprender*, 36, 8-28.

Fontes, I., Boissel, M., Veríssimo, L. & Veiga, E. (2011). Relação Família - Escola: Percepções de pais e professores relativamente às práticas de envolvimento parental na escola. *Revista Portuguesa de investigação Educacional*, 10, 157 -174.

Franco, V. (2007). Dimensões transdisciplinares do trabalho de equipe em intervenção precoce. *Interação em Psicologia*, 11(1),113 – 121.

Franco, V., & Apolónio, A. (2008). Impacto da intervenção precoce na informação, inclusão social e funcionamento das famílias de crianças com e sem perturbações de desenvolvimento. *INFAD Revista de Psicologia*, 4 (1), 593-604.

Gallagher, R., LaMontagne, M. & Johnson, L. (2000). Intervenção Precoce: Um desafio à colaboração. In L. Correia e A. Serrano (orgs). *Envolvimento parental em intervenção precoce: Das práticas centradas na criança às práticas centradas na família*. (pp. 65 – 76) Porto: Porto Editora.

Gomes, A. (2006). A importância da resiliência na (re)construção das famílias com filhos portadores de deficiência: O papel dos profissionais da educação/reabilitação. *Saber (e) Educar*, 11, 49 – 71.

Gonçalves, M., & Simões, C. (2010). Práticas de intervenção precoce na infância - as necessidades das famílias de crianças com necessidades educativas especiais. *Gestão e Desenvolvimento*, 17, 157-174.

Gronita, J., Bernardo, A. C., Marques, J., & Matos, C. (2008). Relações Interpessoais em famílias com crianças pequenas. Práticas em Intervenção Precoce. *Internacional Journal of Developmental and Educational Psychology*, 1, 43 - 53.

Gronita, J. et al. (2016). *Boas práticas na Intervenção Precoce. E quando atendemos crianças ... Diferentes*. Lisboa: Edição Fundação Calouste Gulbenkian.

Gualda, D., Merighi, M., & Oliveira, S. (1995). Abordagens qualitativas: sua contribuição para a enfermagem. *Rev. Esc. Enf*, 29 (3), 297 - 309.

Guralnick, M. (2001). A developmental systems model for early intervention . *Infants and young children*, 14 (2), 1 - 18.

Graçal, P., Teixeira, M., Lopes, S., Serrano, A. & Campos, A. (2010). O momento da avaliação na intervenção precoce: o envolvimento da família estudo das qualidades psicométricas do ASQ-2 dos 30 aos 60 meses. *Revista Brasileira de Educação Especial*, 16 (2), 177 – 196.

Keller-Guenther, Y., Rosenberg, S., Block, S. & Robinson, C. (2014). Parent involvement in early intervention: what role does setting play? *Early years*, 34(1), 81 – 93.

King, G. et al (2009). The application os a transdisciplinary model for early intervention services. *Infants & Young children*, 22 (3), 211 – 223.

Lervolino, S., & Pelicioni, M. (2001). A utilização do grupo focal como metodologia qualitativa na promoção da saúde. *Rev. Esc. Enf*, 35 (2), 115-121.

Lessard-Hébert, M., Goyette, G., & Boutin, G. (2008). *Investigação qualitativa - Fundamentos e práticas*. Lisboa: Instituto Piaget.

Linder, T. (1993). *Transdisciplinary Play-based intervention: Guidelines for developing a meaningful curriculum for young children*. Baltimore: Paul H. Brookes.

Martins, H. (2004). Metodologia qualitativa de pesquisa. *Educação e pesquisa*, 30 (2), 289-300.

Machado, T. S. (2012). Risco ambiental e desenvolvimento na infância: justificando a Intervenção Precoce. *Psicologia, Educação e Cultura*, XVI (1), 146 – 165.

Mcwilliam, P. W. (2003). *Estratégias Práticas para a Intervenção Precoce Centrada na Família*. Porto: Porto Editora.

Nogueira-Martins, M., & Bógus, C. (2004). Considerações sobre a metodologia qualitativa como recurso para o estudo das ações de humanização em saúde. *Saúde e Sociedade*, 13 (3), 44-57.

Oliveira, S. (2015). Planos individuais de Intervenção Precoce: Um estudo qualitativo acerca das Perspetivas de profissionais. *Tese de Mestrado não publicada*. Braga: Universidade do Minho.

Pereira, A., & Serrano, A. (2009). Práticas Centradas na família em intervenção precoce: um estudo nacional sobre práticas profissionais. *Actas do X Congresso Internacional Galego-Português de Psicopedagogia*. Braga: Universidade do Minho.

Pereira, A., & Serrano, A. (2010). Abordagem Centrada na Família em Intervenção Precoce: Perspectivas Histórica, Conceptual e Empírica. *Revista Diversidades*, 27, 4-11.

Pereira, A., & Serrano, A. (2010). Intervenção precoce em Portugal: Evidências e consequências. *Inclusão*, 10, 101-120.

Perin, A. (2010). Estimulação Precoce: Sinais de alerta e benefícios para o desenvolvimento. *Revista de Educação do Ideau*. 5 (12), 2 – 13.

Pimentel, J. (1999). Reflexões sobre a avaliação de programas de intervenção precoce. *Análise Psicológica*, XVII (1), 143-152.

Pimentel, J. (2003). A escala de intervenção focada na família. estudo da sua validação. *Psicologia*, XVII (1), 179 – 194.

Pimentel, J. (2004). Avaliação de programas de intervenção precoce. *Análise Psicológica*, XXII (1), 43-54.

Pinto, A., & Grande, C. (2011). O envolvimento de crianças com necessidades educativas especiais em contexto de creche e de jardim-de-infância. *Análise Psicológica*, XXIX (1), 99-117.

Portugal, G. & Santos, P. (2003). A abordagem experiencial em Intervenção Precoce. Na formação, supervisão e intervenção. *Psicologia*, XVII (1), 161 – 177.

Quivy, R., & Campenhoudt, L. (2005). *Manual de investigação em ciências Sociais*. Lisboa: Gradiva.

Rafael, S. & Piscalho, I. (2016). A intervenção precoce na infância e o(s) percurso(s) para a inclusão: Um estudo de caso. *Interacções*, 41, 51 - 72

Reis, P. (2009). A relação entre pais e professores: uma construção de proximidade para uma escola de sucesso. *Actas do X Congresso Internacional Galego-Português de Psicopedagogia*. Braga: Universidade do Minho.

Samadi, S. & Mahmoodizadeh, A. (2013). Parent's reports of their involvement in na Iranian parent-based early intervention programme for children with ASD. *Early Child development and Care*, 183 (11), 1720 – 1732.

Salvari, L., & Dias, C. (2006). Os problemas de aprendizagem e o papel da família: uma análise a partir da clínica. *Estudos de Psicologia*, 23 (3), 251-259.

Serrano, A. (2007). *Redes sociais de apoio e sua relevância para a intervenção precoce*. Porto: Porto Editora

Souza, M. (2009). Família/Escola: a importância dessa relação no desempenho escolar. *Tese de Mestrado não publicada*. Paraná: Universidade Estadual do Norte do Paraná.

Sousa, H. & Piscalho, I. (2016). Contributo da intervenção precoce na rede de apoio à criança com cegueira. *Interações*. 41, 95 – 120.

Spagnola, M. & Fiese, B. (2007). Family Routines and Rituals. *Infants & Young Children*, 20 (4), 284 – 299.

Tang, H. N. et al. (2011). Evaluation of family-centred practices. *Child: care, health and development*, 38(1), 54-60.

Turato, E. (2000). Introdução à Metodologia da Pesquisa clínico-qualitativa. Definição e principais características. *Revista Portuguesa de Psicossomática*, 2 (1), 93 – 108.

Turato, E. (2005). Métodos qualitativos e quantitativos na área da saúde: definições, diferenças e seus objetos de pesquisa. *Revista Saúde Pública*, 39 (3), 507 – 514.

Woods, J. & Brown, J. (2011). Family Capacity-Building and Child Outcomes. *Top Lang Disorders*, 31 (3), 235 – 246.

Anexos

Anexo A – Guião da Entrevista dos Profissionais

Guião da entrevista

A realização desta entrevista tem como principal objetivo analisar e compreender a importância da colaboração na melhoria dos níveis de participação da família na Intervenção Precoce (IP) bem como, os fatores que influenciam esse tipo de colaboração.

- Caracterização

Fale-me um pouco do seu trabalho na Equipa Local de Intervenção (ELI). Qual a sua função, tempo de trabalho, especialização, tipo de formação, de que forma descreve o seu trabalho e fatores de motivação.

- Importância da colaboração entre pais e profissionais

1- Considera importante a existência de colaboração entre pais e profissionais. Porquê?

- De que forma é promovida a colaboração dos pais no processo de apoio na Intervenção Precoce

1- Considera importante a colaboração dos pais no processo de apoio? Porquê?

2- Como promove a colaboração dos pais no processo de apoio da Intervenção Precoce, nomeadamente nos momentos de avaliação, planificação e intervenção?

- Compreender quais os fatores que influenciam a colaboração da família na Intervenção Precoce

1- Que aspetos ou fatores considera que influenciam de forma positiva a colaboração dos pais na IP?

- Quais os fatores que dificultam a participação da família na Intervenção Precoce

1- Considera que existem fatores que dificultam a colaboração da família na IP? 1.1- Quais os fatores que dificultam essa colaboração?

- Que sugestões / recomendações melhoria dos níveis de colaboração das famílias na Intervenção Precoce

1- Considera que é possível melhorar os níveis de colaboração das famílias na IP?

1.1- De que modo? 1.2- Quer fazer algumas sugestões?

Já abordei todas as questões que queria consigo. Mas gostaria de saber se acha pertinente mais alguma questão que gostasse de ver espelhada. Tem alguma sugestão?

Queria agradecer a sua disponibilidade em participar no meu estudo. Muito obrigada!

Anexo B – Guião da Entrevista das Famílias

Guião da entrevista

A realização desta entrevista tem como principal objetivo analisar e compreender a importância da colaboração na melhoria dos níveis de participação da família na Intervenção Precoce (IP) bem como, os fatores que influenciam esse tipo de colaboração.

- Caracterização

Fale-me um pouco da sua família e do seu filho. Porque procurou o apoio da ELI, quem encaminhou, há quanto tempo está a usufruir de apoio.

- Importância da colaboração entre pais e profissionais

1- Considera importante a existência de colaboração entre pais e profissionais. Porquê?

- De que forma é promovida a colaboração dos pais no processo de apoio na Intervenção Precoce

1- Considera importante a colaboração dos pais com os profissionais no processo de apoio? Porquê?

2- Como participa neste processo de apoio da Intervenção Precoce, participou nos momentos de avaliação, planificação e intervenção?

3- Sente que as suas ideias e opiniões são ouvidas pelos profissionais por que é acompanhada?

- Compreender quais os fatores que influenciam a colaboração da família na Intervenção Precoce

1- Que aspetos ou fatores considera que influenciam de forma positiva a sua colaboração na IP?

- Quais os fatores que dificultam a participação da família na Intervenção Precoce.

1- Considera que existem fatores que dificultam a sua colaboração na IP?

1.1- Quais os fatores que dificultam essa colaboração?

- Que sugestões / recomendações de melhoria dos níveis de colaboração das famílias na Intervenção Precoce

1- Considera que é possível melhorar os seus níveis de colaboração na IP?

1.1- De que modo? 1.2- Quer fazer algumas sugestões?

Já abordei todas as questões que queria consigo. Mas gostaria de saber se acha pertinente mais alguma questão que gostasse de ver espelhada. Tem alguma sugestão?

Queria agradecer a sua disponibilidade em participar no meu estudo. Muito obrigada!